MAX LUCADO

O QUE DEUS FEZ PARA GANHAR O SEU CORAÇÃO

ELE ESCOLHEU OS CRAVOS

O que Deus fez para ganhar o seu coração

Ele Escolheu os Cravos

Max Lucado

Título do original em inglês: He Chose the Nails
Tradução: Carla Mary Ribas de Souza
CPAD, 2006

Digitalização: Pr. Eduardo
Revisão e formatação: SusanaCap

A Jesus Cristo,

Porque o Senhor escolheu os cravos

Sumário

Contra-capa

Demore-se no Monte do Calvário.

Deslize os dedos pela madeira e pressione o CRAVO contra sua mão.

Prove o gosto do vinagre e sinta o aperto do ESPINHO em sua fronte.

Apalpe a espessa poeira, úmida como sangue de Deus.

Deixe os instrumentos de TORTURA falarem a sua história.

Ouça enquanto eles revelam o que Deus fez para ganhar o seu CORAÇÃO.

Orelha

Muito tem sido dito sobre o dom da cruz em si, mas e quanto aos outros dons?

E quanto aos cravos, à coroa de espinhos?

E quanto às vestes tomadas pelo soldado e aquelas que foram usadas no sepultamento?

Você já separou algum tempo para abrir estes presentes?

Ele não foi obrigado a dá-los, você sabe.

A única atitude de fato requerida para a nossa salvação foi o sangue derramado.

No entanto Ele fez muito mais.

Imagine a cena da cruz.

E o que encontrará?

Uma esponja embebida em vinagre.

Um sinal.

Duas cruzes ao lado de Cristo.

Vamos examiná-los, não vamos?

Que tal desembrulharmos estes presente da graça como se — ou quem sabe, de fato — fosse a primeira vez?

E ao tocá-los... ao sentir a madeira da cruz e passar os dedos pela trança da coroa de espinhos... Pare e Ouça.

Possivelmente Ele irá sussurrar:

EU FIZ ISTO POR VOCÊ.

AGRADECIMENTOS

Estou batendo palmas. Uma vez que os livros não possuem alto-falantes, você não pode me ouvir. Mas creia, estou oferecendo uma salva de palmas a:

Liz Heaney e Karen Hill, minhas editoras. Vocês são sempre ótimas ao me cutucarem, mas desta vez uma de vocês ficou atrás e empurrou, e a outra ficou em frente e puxou. Este velho jumento pode ser realmente teimoso. Obrigado por carregar este projeto colina acima.

Dr. Roy B. Zuck do Seminário Teológico Dallas. Suas dicas foram preciosas.

Steve Halliday. Outro livro, outro grande guia de estudo.

Carol Bartley e Lama Kendall. Sou grato pela sua precisão com o manuscrito.

À família Word. Sinto-me honrado em fazer parte desta equipe. À liderança da Igreja de Cristo em Oak Hills. Não há outro lugar onde eu deseje estar aos domingos, senão com vocês.

Agradecimentos especiais a Buddy Cook, Golf Clube do Texas e Academia de Golfe La Cantera.

Steve e Cheryl Green. O dicionário define a palavra amigo, mas vocês a demonstram. Obrigado por tudo.

Ao cristão russo que deixou a cruz em minha mesa certo domingo há alguns anos. Seu gesto demonstrou como a descoberta de sua nova fé em Jesus o levou a recuperar os pregos de uma igreja russa abandonada. Com eles ele formou uma cruz. Em volta da cruz ele teceu uma coroa de arame farpado. Esta impactante peça fica na parede de meu escritório - e também aparece na capa deste livro. Minha gratidão é destinada àquele cujo nome eu não sei, mas o coração conheço.

A minhas filhas Jenna, Andréa e Sara, vocês foram duplamente pacientes durante o período em que escrevi este livro. Obrigado! Vou chegar cedo em casa hoje.

A minha esposa Denalyn. Meu amor por você terminará no mesmo dia em que o amor de Deus por você tiver fim.

A você, leitor. Se os rascunhos deste autor revelam o verdadeiro Autor, ambos os esforços valem a pena.

E a Ti, Jesus. Todos nós nos colocamos em pé para oferecer a melhor salva de palmas. Uma coisa é escrever e ler esta história. Outra seria lê-la e vivê-la. E o Senhor o fez.

> Como também nos elegeu nele antes da fundação do mundo, para que fôssemos santos e irrepreensíveis diante dele em caridade; e nos predestinou para filhos de adoção por Jesus Cristo, para si mesmo, segundo o beneplácito de sua vontade, para louvor e glória da sua graça, pela qual nos fez agradáveis a si no Amado.
>
> Em quem temos a redenção pelo seu sangue, a remissão das ofensas, segundo as riquezas da sua graça... descobrindo-nos o mistério da sua vontade, segundo o seu beneplácito, que propusera em si mesmo, de tornar a congregar em Cristo todas as coisas, na dispensação da plenitude dos tempos, tanto as que estão nos céus como as que estão na terra; nele, digo, em quem também fomos feitos herança, havendo sido predestinados conforme o propósito daquele que faz todas as coisas, segundo o conselho da sua vontade. Efésios 1:4-7, 9-11

1. "Fizeste isto por mim?"

... mas o dom gratuito de Deus é a vida eterna, por Cristo Jesus, nosso Senhor. ROMANOS 6.23

Graças a Deus, pois, pelo seu dom inefável. 2 CORINTIOS 9.15

... para uma herança incorruptível, incontaminável, e que se não pode murchar, guardada nos céus para vós que, mediante a fé, estais guardados na virtude de Deus, para a salvação já prestes para se revelar no último tempo. 1 PEDRO 1.4-5

Toda boa dádiva e todo dom perfeito vêm do alto, descendo do pai das luzes, em quem não há mudança, nem sombra de variação. Segundo a sua vontade, ele nos gerou pela palavra da verdade, para que fôssemos como primícias das suas criaturas. TIAGO 1.17-18

Ele merece a nossa compaixão. Quando você o vir, não ria. Não caçoe dele. Não vire as costas e dê de ombros. Apenas leve-o até o banco mais próximo e ajude-o a sentar.

Tenha pena do homem. Ele está com tanto medo, os olhos esbugalhados. É um andarilho nas ruas de Manhattan. O Tarzan andando na selva de pedra. Ele é como uma baleia encalhada, imaginando como chegou até ali e tentando descobrir a saída.

Quem é esta criatura abandonada? Este órfão de rosto pálido? Ele é — por favor, tirem seus chapéus em respeito — homem no departamento feminino. Procurando um presente.

A época pode ser a do Natal. A ocasião talvez o nascimento ou aniversário dela. Qualquer que seja o motivo, ele precisa sair do esconderijo. Deixando para trás seu hábitat familiar das lojas de artigos esportivos, praças de alimentação, os televisores enormes

de tela plana nas grandes lojas, ele se aventura no desconhecido mundo do departamento feminino. Você poderá encontrá-lo facilmente, imóvel no corredor. Se não fosse pelas marcas de suor na roupa, particularmente nas axilas, você poderia pensar tratar-se de um manequim.

Mas não é. É um homem no mundo feminino, que nunca viu tanta roupa íntima. Nos grandes supermercados, onde ele compra as suas, toda a roupa íntima já vem embalada em sacos plásticos e todas as marcas resumidas em uma só prateleira. Porém aqui ele está em flores de renda. Seu pai já o alertara sobre lugares como este.

Assim ele prossegue, mas sem saber para onde ir. Note que nem todo homem estava preparado para este momento como eu estava. Meu pai via o desafio de comprar para mulheres como um rito de passagem, com pássaros e abelhas e gravatas. Ele ensinou ao meu irmão e a mim como sobreviver às compras. Lembro-me do dia em que ele nos colocou sentados e nos ensinou duas palavras. Para sobreviver em um país estrangeiro, você precisa conhecer a linguagem, e meu pai nos ensinou a linguagem do departamento feminino.

— Chegará o momento — disse ele solenemente — em que uma vendedora irá oferecer-se para ajudá-lo. Nesta hora, respire fundo e diga esta frase: Es-tée Lau-der. — Em cada ocasião para se presentear nos anos vindouros, minha mãe recebeu três presentes dos três homens de sua vida: Estée Lauder, Estée Lauder e Estée Lauder.

Meu medo do departamento feminino havia acabado. Foi então que eu conheci Denalyn. Ela não gosta de Estée Lauder. Embora eu tenha dito que este perfume tem um cheiro materno, ela não mudou de idéia. Desde então tenho estado atrapalhado.

Este ano, em seu aniversário, optei por dar-lhe um vestido. Quando a vendedora me perguntou o manequim da minha esposa respondi que não sabia. Honestamente. Sei que consigo tomá-la em meus braços e que ela se encaixa perfeitamente. Mas seu manequim? Nunca perguntei. Há certas perguntas que um homem não faz.

A vendedora tentou ajudar.

— É mais ou menos o meu tamanho?

Aprendi a ser educado com as mulheres, mas desta vez era impossível. Havia apenas uma única resposta: "Ela é mais magra".

Então eu olhei para meus pés, aguardando uma resposta. Além do mais, sou escritor. Certamente conseguiria encontrar as palavras certas.

Pensei ser direto: "Ela é menor do que você". Ou cortês: "Você é mais encorpada do que ela.

Talvez uma indireta funcionasse? "Ouvi dizer que a loja é especializada em tamanhos pequenos".

Finalmente tomei coragem e disse a única coisa que sabia: — Estée Lauder?

Ela apontou para a seção de perfumaria, mas eu já conhecia o caminho. Tentei as bolsas. Pensei que seria mais fácil. Qual seria a dificuldade para selecionar uma ferramenta destinada a guardar cartões e dinheiro? Usei a mesma carteira durante oito anos. Que dificuldade poderia haver em comprar uma bolsa?

Ah, como sou ingênuo. Diga a um vendedor no departamento masculino que você quer uma carteira e ele o levará até uma pequena estante próxima ao caixa. Suas únicas opções serão preto ou marrom. Diga à vendedora do departamento feminino que você precisa de uma bolsa e ela o escolta até uma sala. Cheia de prateleiras e araras. Prateleiras e araras cheias de bolsas. Bolsas com etiquetas de preços. Pequenas etiquetas, porém com preços altos... tão altos que deveriam anular a necessidade do uso de bolsas, certo?

Eu vagava por este pensamento quando a vendedora começou a fazer algumas perguntas.

— Que tipo de bolsa sua esposa gosta? — meu olhar de interrogação disse-lhe que eu não fazia idéia, assim, ela iniciou uma lista de opções:

— Bolsa de mão? Bolsa de ombro? Alça curta? Mochila? Alça Longa? Social? Esporte?

Atordoado pelas opções, precisei sentar e colocar minha cabeça entre os joelhos para não desmaiar. O que não a impediu de continuar. Curvada sobre mim ela continuou:

— Carteira de dinheiro? Porta moedinhas? Pasta? "Pasta?" Ouvi uma palavra familiar. Havia pastas de todas as marcas e tipos. Esta deveria ser a resposta. Endireitei meus ombros e disse orgulhosamente:

— Pasta.

A vendedora aparentemente não gostou da minha resposta. Após ver todas as possibilidades decidi sair dali o mais rápido possível. Mas, ao sair, dei a ela um pouco do seu próprio remédio.

— Estée Lauder! — gritei e corri o mais rápido que pude.

Ah! As coisas que fazemos para presentear aqueles a quem amamos. Mas não nos importamos, não é? Faríamos tudo de novo. A verdade é, fazemos tudo novamente. Cada Natal, cada aniversário, sempre que nos encontramos em território estrangeiro. Adultos em lojas de brinquedos. Pais em lojas para adolescentes. Esposas em lojas de esportes e maridos em lojas de bolsas.

Não apenas entramos em lugares estranhos, como fazemos coisas com as quais não estamos acostumados. Montamos bicicletas à meia-noite. Escondemos presentes nos lugares mais inusitados. Ouvi contar que um homem alugou um movie theater [1] para que ele e a esposa pudessem ver seu filme de casamento em seu aniversário.

E fazemos tudo novamente. Após pisar sobre as uvas, bebemos o vinho mais doce da vida - o vinho da dedicação. Damos o melhor de nós quando nos dedicamos. Na verdade, ficamos mais parecidos com Deus quando nos dedicamos. Você já pensou alguma vez por que Deus se dedica tanto? Nossa existência poderia ser medíocre. Ele poderia ter deixado o mundo sem forma e cinza; nós nunca saberíamos a diferença. Mas não foi isso que Ele fez.

Ele jogou a cor laranja no nascer do sol e pintou o céu de azul.

E se você gosta de ver o vôo dos gansos poderá observar isto também.

Teve Ele de fazer a bela cauda do esquilo?

Foi Ele obrigado a fazer o canto dos pássaros? E a forma engraçada como as galinhas ciscam ou a majestade do trovão quando emite seu som?

Por que dar cheiro à flor? Por que dar sabor aos alimentos?

Seria porque Ele adora ver este olhar em seu rosto?

Se nós damos presentes para demonstrar nosso amor, quanto mais Ele? Se nós — salpicados de excentricidade e cobiça gostamos de dar presentes, quanto mais Deus, nosso puro e perfeito Deus, gosta de nos presentear. Jesus disse: "Se, vós, pois, sendo maus, sabeis dar coisas boas aos vossos filhos, quanto mais vosso Pai, que está nos céus, dará bens aos que lhe pedirem?" (Mt 7.11)

Os dons de Deus emitem luz de seu coração, o bom e generoso coração de Deus. Tiago, irmão de Jesus, nos diz: "Toda boa dádiva e todo dom perfeito vem do alto, descendo do pai das luzes, em quem não há mudança nem sombra de variação" (Tg 1.17). Todos os dons revelam o amor de Deus... porém nenhum dom revela mais seu amor do que o dom da cruz. Eles vieram, não embrulhados em papel, mas em paixão. Não foram colocados em volta de uma árvore, mas em uma cruz. Não foram cobertos por laços e tiras, mas borrifados com sangue.

Os dons da cruz.

Muito tem sido dito sobre o dom da cruz em si, mas e quanto aos outros dons? E quanto aos cravos, à coroa de espinhos? Às vestes tomadas pelos soldados, às vestes usadas no enterro? Você já separou algum tempo para abrir estes presentes?

Ele não foi obrigado a dá-los, você sabe. A única atitude de fato requerida para a nossa salvação foi o sangue derramado. Ainda assim Ele fez muito mais. Imagine a cena da cruz, e o que encontrará?

Uma esponja embebida em vinagre. Um sinal.

Duas cruzes ao lado de Cristo.

Presentes divinos destinados a despertar aquele momento, aquela fração de segundo quando seu semblante mudará, seus olhos se abrirão ainda mais e Deus o ouvirá sussurrar: — Fizeste isto por mim?

O diadema da dor que retalhou seu rosto gentil, três pregos fincando a carne na madeira para segurá-lo naquele lugar.

Compreendo a necessidade de sangue.

Seu sacrifício eu abraço.

Mas a esponja amarga, a lança transpassando, o cuspe em seu rosto'

Tinha que ser uma cruz?

Não havia uma morte mais amável do que seis horas pendurado entre a vida e a morte, tudo isto regado a um beijo de traição?

— Oh, Pai, — diz você com o coração tranqüilo, — Desculpe perguntar, mas preciso saber, fizeste isto por mim?

Ousaríamos fazer esta oração? Ousaríamos dar vazão a tais pensamentos? Estaria o monte da crucificação cheio de presentes de Deus? Podemos examiná-los? Abramos estes presentes da graça como se — ou talvez, quem sabe - pela primeira vez. E, ao tocá-los — ao sentir a madeira da cruz e passar os dedos pela trança da coroa de espinhos — pare e ouça. Provavelmente você o ouvirá sussurrar:

"Eu fiz isto por você. "

2. "Vou Suportar seu Lado Obscuro"

A Promessa de Deus ante o Cuspe do Soldado

A prevaricação do ímpio fala no íntimo do seu coração,- não há temor de Deus perante os seus olhos. SALMOS 36.1

A Vaidade está tão ancorada no coração do homem que... os que escrevem contra ela almejam a glória da boa escrita,- e os que a lêem desejam a glória por tê-la lido. BLAISE PASCAL

Enganoso é o coração, mais do que todas as coisas, e perverso, quem o conhecerá? JEREMIAS 17.9

O pecado, visto pela ótica do cristianismo, é a fenda que atravessa toda a existência. EMIL BRUNNER

O que teria acontecido à Fera se a Bela não tivesse aparecido?

Você conhece a história. Houve um tempo em que seu rosto era bonito e seu palácio agradável. Mas isto foi antes da maldição, antes das trevas caírem sobre o castelo do príncipe. E, quando a escuridão tomou conta, ele sucumbiu. Recluso em seu castelo rebelde, com um focinho reluzente e grandes caninos.

Porém tudo mudou quando a mocinha chegou. Fico pensando, o que teria acontecido à Fera caso a Bela não tivesse aparecido?

Melhor ainda, o que teria acontecido caso ela não tivesse se importado? Quem a teria culpado? Ele era tão... digamos, animalesco! Pêlos longos. Babão. Frustrado. E ela era tão bela. Estonteante. Uma bondade contagiante. Se duas pessoas se encaixassem exatamente nesta descrição, não seriam elas exatamente a Bela e a Fera? Quem a teria culpado caso ela não tivesse se importado? Mas ela se importou.

E, porque a Bela amou a Fera, a Fera tornou-se linda.

A história é familiar, não apenas por tratar-se de um conto de fadas. É familiar porque nos faz lembrar de nós mesmos. Há uma fera dentro de cada um de nós.

Mas não foi sempre assim. Houve um tempo em que a face da humanidade era bela e o palácio agradável. Mas isto foi antes da maldição, antes das trevas caírem sobre o jardim de Adão. E, desde a maldição, temos sido diferentes. Animalescos. Feios. Rebeldes. Ferozes. Fazemos coisas que sabemos que não deveríamos ter feito e ficamos pensando por que as fizemos.

Minha parte feia certamente mostrou sua face animalesca certa noite. Eu estava dirigindo em uma pista dupla, que viria a tornar-se única. A mulher no carro ao lado do meu estava na pista que continuava. Eu estava na que terminava. Eu precisava estar à frente dela. Meus compromissos eram, sem dúvida, mais importantes que os dela. Além do mais, não sou eu importante? Não sou eu o mensageiro da compaixão. Um embaixador da paz?

Assim, acelerei o carro.

Adivinhe? Ela também. Quando minha pista terminou, ela estava um centímetro à minha frente. Aumentei os faróis, reduzi a

velocidade e a deixei passar. Sobre seus ombros ela me acenou com um tchauzinho. Grrrrr.

Comecei a diminuir os faróis. Então fiz uma pausa. Minha parte sinistra disse: "Espere aí." Não fui chamado para ser luz nos lugares mais escuros? Iluminar as trevas?

Então coloquei um pouco mais de luz em seu retrovisor. Só para importunar.

Ela diminuiu a velocidade, em retaliação. Esta mulher era má.

Para ela pouco importava se toda a cidade de San Antonio estivesse atrasada; ela não iria ultrapassar a marca dos vinte e cinco quilômetros por hora. E eu não iria tirar o farol alto do seu espelho retrovisor. Como dois burros teimosos, ela continuava devagar e eu continuava com luz alta. Após mais pensamentos cruéis do que ouso confessar, a pista começou a alargar, então iniciei a ultrapassagem. Sabe o que aconteceu? O farol vermelho nos deixou lado a lado em um cruzamento. O que se segue contém boas e más notícias. A boa notícia é que ela acenou para mim. A má notícia é que não foi o tipo de gesto digno de imitação.

Algum tempo depois o pensamento me veio à tona: "Por que eu fiz isto?" Sou um cara tipicamente calmo, mas durante quinze minutos fui uma fera! Apenas dois fatos me confortaram: Primeiro, não tenho adesivo evangélico em meu carro, e segundo, o apóstolo Paulo passou por lutas similares. "Porque o que faço não o aprovo, pois o que quero, isso não faço; mas o que aborreço, isso faço" (Rm 7.15). Você já se sentiu nesta situação?

Em caso afirmativo, temos algo em comum. Paulo não é a única pessoa na Bíblia que travou uma luta com o lado animalesco interior. É raro encontrar uma página nas Escrituras em que um animal não mostre seus dentes. O rei Saul perseguiu o jovem Davi com sua lança. Siquém violentou Diná. Os irmãos de Diná (os filhos de Jacó) mataram Siquém e seus amigos. Ló negociou com Sodoma, depois saiu de lá. Herodes matou os primogênitos em Belém. Outro Herodes assassinou o primo de Jesus. Se a Bíblia é chamada de Bom Livro, não é pelos seus personagens. O sangue corre livremente através das histórias como a tinta através das penas que as escreveram. Mas o lado mau da fera nunca esteve tão aflorado como no dia da morte de Cristo.

A princípio, os discípulos ficaram anestesiados, depois rapidamente fugiram.

Herodes queria um show.

Pilatos queria livrar-se do problema. E os soldados? Eles queriam sangue.

Então açoitaram a Jesus. O chicote legendário consistia em tiras de couro com bolas de ferro em suas pontas. Seu objetivo era singular. Bater no acusado progressivamente até quase matá-lo, então parar. Trinta e nove chicotadas eram permitidas mas raramente necessárias. Um centurião monitorava o estado do prisioneiro. Sem dúvida Jesus estava próximo à morte quando suas mãos foram desamarradas e Ele caiu ao chão.

Chicotear foi a primeira ação dos soldados.

A crucificação foi a terceira. (Eu não pulei a segunda. Já vou chegar lá.) Embora suas costas estivessem machucadas pelas chicotadas, os soldados colocaram a cruz sobre os ombros de Jesus e o fizeram carregá-la até o monte da crucificação, onde o executaram.

Não culpamos os soldados por estes dois atos. Afinal, eles estavam apenas seguindo ordens. Mas difícil é compreender o que fizeram neste ínterim. Eis aqui a descrição de Mateus:

> Então, soltou-lhes Barrabás e, tendo mandado açoitar a Jesus, entregou-o para ser crucificado.
>
> E logo os soldados do governador, conduzindo Jesus à audiência, reuniram junto dele toda a coorte.
>
> E, despindo-o, o cobriram com uma capa de escarlate. E, tecendo uma coroa de espinhos, puseram-na em sua cabeça e, em sua mão direita, uma cana; e, ajoelhando diante dele, o escarneciam, dizendo: Salve, Rei dos judeus!
>
> E, cuspindo nele, tiraram-lhe a cana e batiam-lhe com ela na cabeça.
>
> E, depois de o haverem escarnecido, tiraram-lhe a capa, vestiram-lhe as suas vestes e o levaram para ser crucificado. (Mt 27.26-31)

A obrigação dos soldados era simples: Levar o Nazareno até o monte e matá-lo. Mas eles tinham outra idéia. Queriam se divertir primeiro. Fortes, descansados e armados, os soldados cercaram um carpinteiro galileu exausto e quase morto, e o atacaram. O açoite fora ordenado. A crucificação ordenada. Mas quem teria prazer em cuspir em um homem quase morto?

O ato de cuspir não tem a finalidade de machucar o corpo — de forma alguma. O ato de cuspir é a intenção de degradação da alma, e muito eficiente. O que os soldados estavam fazendo? Não estariam eles elevando-se a si próprios à custa de outra pessoa? Eles sentiram-se grandes ao humilhar Jesus.

Você já fez isto? Talvez nunca tenha cuspido em alguém, mas já fofocou? Caluniou? Você já levantou as mãos enfurecidas ou levantou os olhos com arrogância? Já colocou os faróis altos no retrovisor de algum carro? Já fez alguém se sentir mal para você se sentir bem?

Foi isto que os soldados fizeram a Jesus. Quando você e eu fazemos o mesmo, fazemos isto com Jesus também. "E, respondendo o Rei, lhes dirá: Em verdade vos digo que, quando o fizestes a um destes meus pequeninos irmãos, a mim o fizestes" (Mt 25.40). A maneira como tratamos os outros é a mesma como tratamos a Jesus.

"Ei, Max, não gostei desta frase", você protesta. Creia-me, não gosto de dizer isto. Mas precisamos enfrentar o fato de que há algo animalesco dentro de cada um de nós, que nos obriga a fazer coisas que surpreende até a nós mesmos. Você já não surpreendeu a si mesmo? Já parou para refletir sobre alguma atitude e pensou: "O que deu em mim?"

A Bíblia possui uma resposta com seis letras para esta questão:

P-E-C-A-D-O. Existe algo ruim — animalesco — dentro de cada um de nós. "Éramos por natureza filhos da ira" (Ef 2.3). Não é que não possamos fazer o bem. Podemos. O fato é que não conseguimos evitar fazer o mal. Em termos teológicos, somos "totalmente depravados". Embora feitos à imagem e semelhança de Deus, temos caído. Somos corruptos ao máximo. O âmago de nosso ser é egoísta e perverso. Disse Davi: "Eis que em iniqüidade fui formado, e em pecado me concebeu minha mãe" (Sl 51.5).

Poderia alguém dentre nós dizer menos do que isto? Cada um de nós nasceu com tendência ao pecado. A depravação é condição universal. As Escrituras afirmam isto claramente:

> Todos nós andamos desgarrados como ovelhas; cada um se desviava pelo seu caminho... (Is 53.6)
>
> Enganoso é o coração, mais do que todas as coisas, e perverso; quem o conhecerá? (Jr 17.9)
>
> Não há um justo, nem um sequer... Porque todos pecaram e destituídos estão da glória de Deus (Rm 3.10,23)

Há quem possa discordar com tais palavras fortes. Eles olham ao redor e dizem: "Comparado aos outros, sou uma pessoa decente".

Note que um porco pode dizer algo similar. Ele pode comparar-se com seus companheiros e dizer: "Estou tão limpo quanto todos os outros". o entanto, quando comparado aos humanos, o porco precisa de ajuda. Comparados a Deus, nós, humanos, temos a mesma necessidade. O padrão de santidade não pode ser encontrado entre os porcos cochos da terra, mas no trono celestial. O próprio Deus é o padrão.

Somos as feras. O ensaísta francês Michel de Montaigne disse: "Não há homem tão bom que, ao submeter todos os seus pensamentos e atitudes às leis, não mereça ser enforcado dez vezes em sua vida."[1] Nossas atitudes são feias. Nossas ações escabrosas. Não fazemos o que queremos, não gostamos do que fazemos, e o pior — sim, há algo pior — , não conseguimos mudar.

Tentamos... ah, como tentamos. Mas "Pode o etíope mudar sua pele ou o leopardo as suas manchas? Nesse caso também vós podereis fazer o bem, sendo ensinados a fazer o mal" (Jr 13.23). O apóstolo concordou com o profeta: "Porquanto a inclinação da carne é inimizade contra Deus, pois não é sujeita à lei de Deus realmente não" (Rm 8.7).

Ainda concorda? Ainda acha minha avaliação muito dura? Em caso afirmativo, aceite este desafio. Durante as próximas vinte e quatro horas, viva uma vida sem pecado. Não estou pedindo uma década ou ano perfeito, nem mesmo um mês. Apenas um dia

perfeito. Você consegue? Você consegue viver sem pecar durante um dia?

Não? E uma hora? Você poderia prometer que nos próximos sessenta minutos terá apenas pensamentos e atitudes santas?

Ainda hesitante? E quanto aos próximos cinco minutos? Cinco minutos sem preocupações, raiva e vida sem egoísmo — você consegue?

Não? Nem eu.

Então temos um problema: Somos pecadores, e "o salário do pecado é a morte" (Rm 6.23).

Temos um problema: Não somos santos, e a Bíblia nos adverte a "Seguir a paz com todos e a santificação, sem a qual ninguém verá o Senhor" (Hb 12.14).

Temos um problema: Somos maus e "a obra do justo conduz à vida, as produções do ímpio, ao pecado" (Pv 10.16).

O que podemos fazer?

Permita que o cuspe dos soldados simbolizem a sujeira em seus corações. Então observe o que Jesus faz com esta sujeira. Ele a carregou até a cruz.

Através do profeta Ele disse, "não escondo a face dos que me afrontam e me cospem" (Is 50.6). Misturado a seu sangue e suor estava a essência de nosso pecado.

Deus poderia ter julgado de outra forma. No plano de Deus, se foi oferecido vinagre para sua garganta, porque não uma toalha para o seu rosto? Simão carregou a cruz para Jesus, mas não limpou o seu suor. Os anjos estavam presentes. Eles não poderiam ter desviado o cuspe?

Sim, mas Jesus nunca ordenou que eles o fizessem. Por algum motivo, aquEle que escolheu os cravos escolheu também a saliva. Junto com a lança e a esponja, Ele suportou a cuspidela do homem. Por quê? Seria por ter Ele visto o lado bonito da fera?

Mas a correlação com A Bela e a Fera termina. Na fábula, a bela beija a fera. Na bíblia, a Bela faz muito mais. Ela se torna fera para que a fera possa transformar-se em bela. Jesus muda de lugar conosco. Nós, assim como Adão, estávamos sob a maldição,

mas "Cristo nos resgatou da maldição da lei, fazendo-se maldição por nós" (Gl 3.13).

E se a Bela não tivesse vindo? E se ela não tivesse se importado?

Então teríamos continuado como feras. Mas a Bela veio, e ela se importou.

AquEle que é sem pecado tomou forma de pecador para que nós, pecadores, pudéssemos nos tornar santos.

3. "Eu vos Amei o Suficiente para Tornar-me um de vós"

A Promessa de Deus na Coroa de Espinhos

Porque foi do agrado do Pai que toda a plenitude nele habitasse. COLOSSENSES 1.19

E o Verbo se fez carne e habitou entre nós, e vimos a sua glória, como a glória do Unigênito do Pai, cheio de graça e de verdade. JOÃO 1.14

Eu e o Pai somos um. JOÃO 10.30

Sabendo que não foi com coisas corruptíveis, como prata ou ouro, que fostes resgatados da vossa vã maneira de viver que, por tradição, recebestes dos vossos pais, mas com o precioso sangue de Cristo, como de um cordeiro imaculado e incontaminado, o qual, na verdade, em outro tempo, foi conhecido, ainda antes da fundação do mundo, mas manifestado, nestes últimos tempos, por amor de vós. 1 PEDRO 1.18-20

> Ele não apenas compreende perfeitamente nosso caso e nosso problema, como também Ele os tem resolvido moral, ativa e definitivamente. P. T. FORSYTH

Sabe qual é a melhor coisa sobre a vinda de Cristo? Sabe qual é a parte mais notável da encarnação?

Ele não apenas trocou a eternidade pelos calendários. Embora tal troca mereça nossa atenção.

As Escrituras dizem que a contagem dos anos para Deus é incalculável (Jó 36.26). Podemos pesquisar o momento em que a primeira onda quebrou na praia ou o brilho da primeira estrela no céu, mas nunca encontraremos o primeiro momento de Deus, pois não houve um tempo em que Deus não era Deus. Ele nunca não foi, pois Ele é eterno. Deus não está preso ao tempo.

Mas quando Jesus veio ao mundo, tudo isto mudou. Ele ouviu pela primeira vez uma frase nunca utilizada nos céus: "Chegou a sua hora". Quando criança, teve de sair do templo porque havia chegado a sua hora. Quando homem, precisou deixar Nazaré, pois havia chegado a sua hora. Como Salvador, Ele teve de morrer, pois sua hora havia chegado. Durante trinta e três anos, o calendário terreno foi de crucial importância na contagem celestial.

Isto é certamente notável; porém há algo ainda mais estarrecedor.

Sabe qual é a jóia mais brilhante no tesouro da encarnação? Você pode pensar que foi o fato de Ele ter vivido em um corpo. De espírito ilimitado a carne e ossos. Lembra-se das palavras do rei Davi? "Para onde me irei do teu Espírito ou para onde fugirei da tua face? Se subir ao céu, tu aí estás; se fizer no Seol a minha cama, eis que tu ali estás também; se tomar as asas da alva, se habitar nas extremidades do mar, até ali a tua mão me guiará e a tua destra me susterá" (Sl 139.7-10).

Sua pergunta: "Onde está Deus?" é como a de um peixe tentando saber: "Onde está a água?", ou um pássaro querendo descobrir: "Onde está o ar?" Deus está em todos os lugares! Presente tanto em Pequim quanto em Pretória. Tão ativo na vida das pessoas da Islândia quanto na dos brasileiros. O domínio de

Deus é "de mar a mar, e desde o rio até às extremidades da terra" (Sl 72.8). Não existe um lugar sequer onde Deus não esteja presente.

Ainda assim, quando Deus entrou no tempo e tornou-se homem, Ele, que era ilimitado, tornou-se limitado. Prisioneiro na carne. Restrito a músculos e pálpebras cansadas. Por mais de três décadas, suas condições ilimitadas seriam limitadas ao esticar de um braço e sua velocidade reduzida ao passo dos pés humanos.

Fico imaginando se Ele alguma vez tentou requerer sua condição ilimitada. Em meio a uma longa viagem, será que Ele considerou transportar-se à outra cidade? Quando a chuva esfriava seu corpo, sentiu-se Ele tentado a mudar o tempo? Quando o calor tostava seus lábios, será que Ele pensou em dar um pulinho no Caribe para se refrescar?

Se alguma vez estes pensamentos passaram por sua mente, Ele nunca deu ouvido. Nem uma vez sequer. Pare e pense nisto. Cristo nunca utilizou seus poderes sobrenaturais para conforto pessoal. Com uma única palavra Ele poderia ter transformado a terra em uma cama macia, mas não o fez. Com um aceno de mão, Ele poderia ter feito retomar o cuspe de seus acusadores para suas faces, mas não. Com um arquear de sobrancelhas Ele poderia ter paralisado a mão do soldado quando ele trançou a coroa de espinhos. Mas não o fez.

Notável. Contudo, seria esta a parte mais notável de sua vinda?

Muitos discordariam. Muitos, talvez a maioria, apontariam além da renúncia da condição e tempo ilimitados. E é fácil descobrir o motivo.

Não é esta a mensagem da coroa de espinhos?

Um soldado não identificado apanhou galhos — maduros o suficiente para serem espinhos, maleáveis o suficiente para serem moldados — e os transformou em uma coroa de escárnio, uma coroa de espinhos.

Os espinhos simbolizam, nas Escrituras, não o pecado, mas a conseqüência dele. Lembra-se de Adão? Após Adão e Eva terem pecado, Deus amaldiçoou a terra: "maldita é a terra por causa de ti; com dor comerás dela todos os dias da tua vida. Espinhos e cardos

também te produzirá; e comerás dela todos os dias da tua vida" (Gn 3.17-18). Arbustos espinhosos na terra são o produto do pecado no coração.

Esta verdade ecoou nas palavras de Deus a Moisés. Ele ordenou que os israelitas expurgassem da terra todos os ímpios. A desobediência resultaria em dificuldades. "Mas, se não lançardes fora os moradores da terra de diante de vós, então, os que deixardes ficar deles vos serão por espinhos nos vossos olhos e por aguilhões nas vossas costas e apertar-vos-ão na terra em que habitares" (Nm 33.55).

A desobediência resulta em espinhos. "Espinhos e laços há no caminho do perverso; o que guarda a sua alma retira-se para longe dele" (Pv 22.5). Jesus comparou até mesmo a vida das pessoas más com os espinheiros. Ao referir-se aos falsos profetas, Ele disse: "Por seus frutos os conhecereis. Porventura, colhem-se uvas dos espinheiros ou figos dos abrolhos? (Mt 7.16)

Os frutos do pecado são os espinhos - pontiagudos, duros e cortantes espinhos.

Enfatizo o "tema" dos espinhos para sugerir um assunto que você pode nunca ter considerado: Se os espinhos são os frutos do pecado, não seria a coroa de espinhos na cabeça de Jesus um símbolo de nosso pecado perfurando seu coração?

Quais são os frutos do pecado? Pise na sarça da humanidade e sinta alguns cardos. Vergonha. Medo. Desgraça. Desânimo. Ansiedade. Já não estiveram nossos corações cheios desses cardos?

No entanto, isto não aconteceu ao coração de Jesus. Ele nunca foi atingido pelos espinhos do pecado. O que você e eu enfrentamos diariamente, Ele nunca conheceu. Ansiedade? Ele nunca se preocupou! Culpa? Ele nunca foi culpado! Medo? Ele nunca saiu da presença de Deus! Jesus nunca provou estes frutos do pecado... até se tornar pecado por nós.

E quando o fez, todas as emoções do pecado vieram sobre Ele como nuvens na floresta. Ele sentiu ansiedade, culpa e solidão. Dá para sentir a emoção em sua oração? "Deus meu, Deus meu, por que me desamparaste?" (Mt 27.46) Estas não são palavras de um santo. Este é o apelo de um pecador.

E esta é uma das mais notáveis partes de sua vinda. Mas posso pensar em algo ainda maior. Quer saber? Quer saber o mais interessante sobre a sua vinda?

Não é que aquEle que pendurou as galáxias abandonou sua condição para pendurar batentes de portas para o desgosto de um cliente carrancudo que queria tudo para ontem, mas não podia pagar nada até amanhã.

Não é que Ele, em um instante, passou de total independência a ter necessidade de ar, comida, bacia de água quente com sais para seus pés cansados e, mais do que tudo, precisando de alguém qualquer pessoa - que estivesse mais preocupada com o local onde passaria a eternidade do que onde gastaria seu salário do mês.

Não é que Ele manteve o controle enquanto os doze melhores amigos que tivera sentiram o calor e fugiram da cozinha. Ou que Ele não ordenou aos anjos que imploravam: "ó Senhor, apenas acene. Uma palavra e estes demônios serão literalmente fritos".

Não é que Ele recusou-se a defender a si mesmo quando culpado por todos os pecados de todas as pessoas desde Adão. Ou que ficou em silêncio enquanto milhões de veredictos de culpa ecoavam no tribunal do céu, e o doador da luz era abandonado na fria noite dos pecadores.

Nem mesmo que, após três dias em um buraco escuro, Ele se levantou em um lindo nascer do sol com um sorriso, glorioso, e questionando o humilhado Lúcifer - "Isto é o melhor que você sabe fazer?"

Isto foi incrível, incrível.

Mas você quer saber a parte mais notável sobre aquEle que trocou a coroa celestial pela coroa de espinhos?

É que Ele fez isto por você. Somente por você.

4. "Eu te Perdôo"

A Promessa de Deus nos Cravos

E, quando vós estáveis mortos nos pecados e na incircuncisão da vossa carne, vos vivificou juntamente com ele, perdoando-vos todas as ofensas, havendo riscado a cédula que era contra nós nas suas ordenanças, a qual de alguma maneira nos era contrária, e a tirou do meio de nós, cravando-a na cruz. COLOSSENSES 2.13-14

Quando dizemos que a graça é buscada por nós pelo mérito de Cristo, significa que fomos purificados por seu sangue, e que a sua morte foi uma expiação por nossos pecados. JOÃO CALVINO

A justiça de Deus pela fé em Jesus Cristo para todos e sobre todos os que crêem; porque não há diferença. Porque todos pecaram e destituídos estão da glória de Deus, sendo justificados pela sua graça, pela redenção que há em Cristo Jesus, ao qual Deus propôs para propiciação pela fé no seu sangue, para demonstrar a sua justiça pela remissão dos pecados dantes cometidos, sob a paciência de Deus. ROMANOS 3.22-25

De uma única vez todo o pecado foi expiado na cruz, todas as faltas apagadas, toda a obrigação para com Satanás e toda a sentença passada sobre a queda de Adão é rompida, cancelada e anulada pelos cravos de Jesus. CONDE NICOLAS LUDWIG VON ZINZENDORF

Ele nunca deveria ter pedido que eu fizesse a lista. Eu hesitei em lhe mostrar. Este é um grande amigo, construtor habilidoso,

que construiu uma ótima casa para nós. Mas a casa continha alguns enganos.

Até este fim de semana eu nunca os tinha visto. No entanto, até esta semana eu não havia morado na casa. Quando você passa a morar em uma casa, começa a notar cada falha.

— Faça uma lista delas — disse ele.

"É você quem está pedindo", pensei.

A porta do quarto não tranca. A janela da despensa está rachada.

Alguém esqueceu de instalar os porta-toalhas no banheiro das meninas. Alguém esqueceu de colocar a maçaneta na porta do escritório. Como eu disse, a casa é ótima, mas a lista começa a crescer.

Olhando para a lista de enganos do construtor, comecei a pensar em Deus fazendo uma lista sobre mim. Além do mais, não faz Ele morada em meu coração? Se eu vejo falhas em minha casa, imagine o que Ele vê em mim? Ah, será que ousamos imaginar a lista que Ele faria?

A maçaneta da porta da oração enferrujou pela falta de uso. O fogão chamado ciúme está aquecendo demais. O chão do sótão está sobrecarregado par tantos arrependimentos. O porão abarrotado com tantos segredos. E se a persiana do seu coração fosse levantada e o pessimismo descoberto?

A lista de nossas fraquezas. Você gostaria que alguém visse as suas' Que as tornasse públicas? Como você se sentiria caso elas fossem tão expostas que todos, incluindo o próprio Jesus, pudessem vê-las?

Posso levá-lo a este momento? Sim, existe uma lista de suas falhas. Sim, Cristo tem todas as suas negligências registradas. E, sim, esta lista tem sido tornada pública. Mas você nunca a vê. em eu.

Vamos juntos ao monte Calvário, e direi o porquê.

Assista aos soldados empurrarem o Carpinteiro no chão e estivarem seus braços contra as vigas. Um pressiona o joelho contra o antebraço e segura sua mão. Jesus volta seu olhar para o

cravo no momento exato em que o soldado levanta o martelo para fincá-lo.

Jesus não poderia tê-lo detido? Com um flexionar de bíceps, ou apertando os punhos, Ele poderia ter resistido. Não foi esta mesma mão que acalmou o mar? Limpou o templo? Ressuscitou o morto?

Mas o pulso não se mexe... e o momento não é interrompido. A batida soa, a carne rasga e o sangue começa a pingar, e então correr. E as questões aflaram. Por quê? Por que Jesus não resistiu?

"Porque Ele nos amou," respondemos. Isto é verdade, maravilhosa verdade, mas — perdoem-me — verdade parcial. Ele tinha mais motivos. Ele viu algo que o fez ficar ali. Enquanto o soldado pressionava seus braços, Jesus olhou para o lado, e, com seu queixo apoiado na madeira, viu:

Um martelo? Sim. Um cravo? Sim.

As mãos do soldado? Sim.

Porém Ele viu algo mais. Ele viu a mão de Deus. Parecia ser a mão de um homem. Dedos longos de um homem que trabalhava com madeira. Palmas das mãos de um carpinteiro. Pareciam comuns. No entanto, eram muito mais.

Estes dedos haviam formado Adão da argila.

Com uma onda, estas mãos derrubaram a torre de BabeI e dividiram o mar Vermelho.

Destas mãos vieram os gafanhotos que praguejaram o Egito e o corvo que alimentou Elias.

Não admira que o salmista tenha celebrado a liberdade, declarando: "Como expeliste as nações com a tua mão... e sim pela tua destra, e o seu braço, e a luz da tua face" (Sl 44.2-3).

A mão de Deus é poderosa.

Ah, as mãos de Jesus. Mãos da encarnação em seu nascimento.

Mãos da liberação quando Ele curava. Mãos de inspiração quando Ele ensinava. Mãos de dedicação quando Ele servia. E mãos de salvação quando Ele morreu.

A multidão que assistia pensava que o propósito da marretada era pregar as mãos de Jesus no madeiro. Mas eles estavam apenas meio-certos. Não podemos culpá-los por ter perdido a outra metade. Eles não podiam vê-la. Mas Jesus podia. E os céus podiam vê-lo. E nós podemos. Através dos olhos das Escrituras vemos o que outros não vêem, mas Jesus viu: "havendo riscado a cédula que era contra nós nas suas ordenanças, a qual de alguma maneira nos era contrária, e a tirou do meio de nós, cravando-a na cruz" (Cl 2.14).

Entre suas mãos e a cruz havia uma lista. Uma longa lista. A lista de nossos enganos: luxúria e mentiras, momentos de cobiça e anos pródigos. A lista de nossos pecados.

Oscilando na cruz, há um catálogo especificando os nossos pecados. As más decisões do ano passado. As atitudes erradas da semana passada. Lá, em plena luz do dia para que todo o céu possa ver, há uma lista de nossos pecados.

Deus tem feito conosco o que estou fazendo com minha casa. Ele tem escrito uma lista de falhas. Entretanto, a lista que Deus tem feito não pode ser lida. As palavras não podem ser decifradas. Os enganos estão cobertos. Os pecados escondidos. Os que estão no início da página são escondidos pelas suas mãos; os mais abaixo da lista estão cobertos por seu sangue. Seus pecados são riscados (Cl 2.14).

É por isto que Ele se recusou a fechar os punhos. Ele conhecia a lista! O que o impedia de resistir? Esta garantia, esta tabulação de nossas falhas. Ele sabia que o preço de todos aqueles pecados era a morte. Ele sabia que a fonte de todos aqueles pecados era você, e, uma vez que Ele não poderia suportar a eternidade sem a sua companhia, Ele escolheu os cravos.

A mão que apertava o punho não era a de um soldado romano. A força por trás do martelo não era a de uma multidão furiosa. O veredicto por trás da morte não foi decidido por judeus invejosos. O próprio Jesus escolheu os cravos.

Então as mãos de Jesus se abriram. Se o soldado tivesse hesitado, o próprio Jesus teria pego o malho. Ele sabia como; não era novidade para Ele lidar com cravos. Como carpinteiro Ele conhecia a profissão. E, como Salvador, Ele sabia o que isto significava. Ele sabia que o propósito dos cravos era esconder os

nossos pecados, onde pudessem ser escondidos por seu sacrifício e cobertos por seu sangue.

Assim sendo, o próprio Jesus bateu o martelo.

A mesma mão que abriu o mar rasga suas culpas.

A mesma mão que limpou o templo, limpa seu coração. A mão é a mão de Deus.

O cravo é o cravo de Deus.

E as mãos de Jesus abertas para os cravos, as portas dos céus abertas para você.

5. "Falarei com Você em sua Própria Linguagem"

A Promessa de Deus através do Sinais

> E Pilatos escreveu também um título e pô-lo em cima da cruz; e nele estava escrito: JESUS NAZARENO, REI DOS JUDEUS. João 19.19

> De sorte que a fé é pelo ouvir, e o ouvir pela palavra de Deus. ROMANOS 10.17

> Estou certo de que, quando subo ao púlpito para pregar ou para fazer a leitura da Palavra, não são as minhas palavras, mas minha língua é a pena do escritor preparado. MARTINHO LUTERO

Antes de me casar eu sabia a importância da leitura dos sinais de uma esposa. Sábio é o homem que aprende as linguagens não verbais de sua esposa, que nota os acenos e os gestos de discernimento. Não se trata apenas do que é dito, mas como. O bom marido é um bom decifrador. É preciso ler os sinais.

Eu pensei estar fazendo um ótimo trabalho naquele fim de semana em Miami. Casados havia apenas alguns meses, estávamos recebendo uma visita em nosso apartamento. Convidei

um pregador do culto de domingo para estar conosco no sábado à noite. O perigo apontou para mim, uma vez que este convidado não era um amigo da faculdade; ele era mais velho, um distinto professor. Não um professor qualquer, mas um especialista em relacionamentos familiares!

Quando Denalyn recebeu a notícia, deu-me um sinal, um sinal verbal:

- É melhor fazermos uma faxina no apartamento.

Na noite de sexta-feira, ela deu o segundo sinal, não verbal. Ajoelhou-se na cozinha e começou a esfregar o chão. Superando a mim mesmo, uni os dois sinais, compreendi a mensagem e levantei-me do sofá.

"Em que eu poderia ajudar?", pensei. Descartando os trabalhos mais simples, como tirar o pó, passar aspirador, passei a procurar pela tarefa mais desafiadora possível. Após uma diligente busca, encontrei uma perfeita. Eu colocaria as fotografias nos porta-retratos. Um de nossos presentes de casamento havia sido um porta-retratos, e ainda estava fechado. Mas tudo isto mudaria nesta noite.

Então, mãos à obra! Com Denalyn esfregando o chão atrás de mim e uma cama por fazer ao meu lado, abri e espalhei uma caixa de fotografias e comecei a arrumá-las. (Não sei o que eu estava pensando. Acho que eu teria dito ao convidado: "Ei, tire os olhos do chão da lavanderia e olhe para nossa coleção de fotos" .)

Não compreendi a mensagem. Quando Denalyn, com uma voz gélida que teria congelado a morte, perguntou-me o que eu estava fazendo, ainda não havia compreendido a mensagem.

— Estou fazendo uma seleção das fotografias. — respondi alegremente.

Durante os trinta minutos seguintes, ela nada disse. Sem problema. Pensei que ela estivesse orando, agradecendo a Deus pelo marido dedicado. Imaginei-a pensando: "Quem sabe ele vai cuidar do álbum de recortes depois".

Porém não eram aqueles os seus pensamentos. Minha primeira pista de que havia algo errado foi seu último pronunciamento da noite. Após ter limpado todo o apartamento

sozinha, ela anunciou: — Vou para a cama. Estou muito chateada. Amanhã pela manhã conversamos.

Uhhhhh.

Algumas vezes não compreendemos os sinais. (Mesmo agora, algum marido bem intencionado, leitor destas páginas, pode estar indagando: "Por que ela ficou chateada?")

O moldador de nosso destino conhece a nossa estupidez. Deus sabe que às vezes não entendemos os sinais. Talvez seja este o motivo pelo qual Ele nos dê tantos. O arco-íris após a chuva significa o pacto de Deus. A circuncisão identifica a escolha de Deus, e as estrelas mostram o tamanho de sua família. Mesmo hoje, vemos os sinais da igreja do ovo Testamento. A ceia é um sinal de sua morte, e o batismo um sinal de nosso nascimento espiritual. Cada um destes sinais simboliza uma grande verdade espiritual.

No entanto, o sinal mais pungente foi encontrado na cruz. Um sinal comissionado romano, trilíngüe e pintado à mão.

E Pilatos escreveu também um título e pô-lo em cima da cruz; e nele estava escrito: JESUS NAZARENO, REI DOS JUDEUS. E muitos dos judeus leram este título, porque o lugar onde Jesus estava crucificado era próximo da cidade; e estava escrito em hebraico, grego e latim. Diziam, pois, os principais sacerdotes dos judeus a Pilatos: Não escrevas, Rei dos judeus, mas que ele disse: Sou Rei dos judeus. Respondeu Pilatos: O que escrevi, escrevi (Jo 19.19-22).

Por que há um sinal colocado acima da cabeça de Jesus? Por que esta frase incomodou os judeus e por que Pilatos recusou-se a modificá-la? Por que as palavras foram escritas em três línguas diferentes, e por que este sinal é mencionado nos quatro evangelhos?

De todas as possíveis respostas a estas questões, focalizemos apenas uma. Seria possível ser este pedaço de madeira uma imagem da dedicação de Deus? Um símbolo de sua paixão para anunciar ao mundo a história de seu Filho? Um lembrete de que Deus fará o impossível para compartilhar conosco a mensagem deste sinal? Penso que este sinal revela duas verdades sobre o desejo de Deus para alcançar o mundo.

Não há pessoa que Ele não use.

Note que o sinal gera fruto imediato. Lembra-se da resposta do ladrão? Momentos antes da sua morte, em meio à terrível dor, ele olha para Jesus e pede: "Senhor, lembra-te de mim, quando entrares no teu Reino" (Lc 23.42).

Que escolha interessante de palavras. Ele não suplica: "Salva-me". Tampouco, "Tenha misericórdia da minha alma". Seu apelo é o de um servo a um rei. Por quê? Por que ele fez referência ao reino de Jesus? Talvez por ter ouvido seu discurso. Talvez estivesse familiarizado com as reivindicações de Jesus. Ou, mais provável, ele tenha lido o sinal: "Jesus de Nazaré, o Rei dos Judeus."

Lucas parece fazer uma conexão entre a leitura deste escrito e a oferta da oração. Em uma passagem ele escreve: "E também, por cima dele, estava um título, escrito em letras gregas, romanas e hebraicas: ESTE É O REI DOS JUDEUS" (Lc 23.38). Após três versículos, lemos a petição do ladrão: "Senhor, lembra-te de mim, quando entrares no teu Reino."

O ladrão sabia que estava em meio a uma bagunça real. Ele vira-se e lê uma proclamação real, e pede por uma ajuda real. Deve ter sido simples assim. este caso, o sinal foi a primeira ferramenta utilizada para proclamar a mensagem da cruz. Inúmeros outros se seguiram, da palavra impressa ao rádio, às cruzadas nos estádios e ao livro que você está segurando. Mas o rústico sinal da cruz precedeu a todos os outros. E, por causa deste sinal, uma alma foi salva. Tudo porque alguém colocou um sinal na cruz.

Não sei se os anjos fazem algum tipo de entrevista na entrada do céu, mas caso isto aconteça, esta seria engraçada de ver. Imagine o ladrão chegando nos Portões Perolados do Centro de Processamentos.

ANJO: Sente-se. Agora diga-me, Sr.... hum... Ladrão, como você foi salvo?

LADRÃO: Apenas pedi que Jesus se lembrasse de mim em seu Reino. É claro que eu não esperava isto tão cedo.

ANJO: Entendo. E como você soube que Ele era o Rei?

LADRÃO: Havia um sinal sobre a sua cabeça: "Jesus de Nazaré, Rei dos judeus." Eu acreditei naquela frase e — aqui estou!

ANJO: (Tomando nota num bloco) Creu... em um... sinal.

LADRÃO: Certo. O sinal foi colocado ali por um homem chamado João.

ANJO: Acho que não.

LADRÃO: Hmmm. Talvez tenha sido o outro discípulo, Pedro.

ANJO: Não foi Pedro.

LADRÃO: Então qual dos apóstolos fez isto?

ANJO: Bem, se você realmente quer saber, o sinal foi idéia de Pilatos.

LADRÃO: Não brinque! Pilatos?

ANJO: Não se surpreenda. Deus usou um arbusto para falar com Moisés e um jumento para convencer um profeta. Para atrair a atenção de Jonas, Deus usou um grande peixe. Não existe uma pessoa sequer que Ele não possa usar. Bem, está terminado. (carimbos nos papéis) Entregue isto no próximo guichê. (o ladrão começa a sair) Apenas siga as setas.

A intenção de Pilatos não era pregar o Evangelho. a verdade, o sinal é dito de tantas formas e em tantas palavras: "Isto é o que acontece a um rei judeu; isto é o que os romanos fazem com ele. O rei desta nação é um escravo; um criminoso crucificado: e se este foi o final do rei, o que será da nação deste rei?"! Através daquele sinal, Pilatos tencionava amedrontar e maltratar os judeus. Mas Deus tinha um outro propósito... Pilatos foi o instrumento de Deus para proclamar o Evangelho. Sem saber, Pilatos serviu de escrivão dos céus. Ele escreveu esta frase ditada por Deus. E este sinal mudou o destino de um leitor.

Não há uma pessoa sequer que Deus não possa usar.

C. S. Lewis pode contar. Não conseguiríamos imaginar o século XX sem C. S. Lewis. Este professor em Oxford entregou-se a Cristo já na idade adulta, e sua caneta tem ajudado milhões de pessoas a fazer o mesmo. Seria difícil encontrar um escritor com tão grande apelo e profunda sensibilidade espiritual. E seria difícil

encontrar um evangelista mais peculiar do que o que ganhou Lewis para Cristo.

Esta não era a sua intenção, pasme, pois ele mesmo não era crente. Seu nome era T. D. Weldon. Ele, assim como Lewis, era polêmico. De acordo com um biógrafo, ele "escarnecia de todas as crenças e de quase todas as declarações positivas." Lewis escreveria que Weldon "acredita já ter visto de tudo e vive os fundamentos." Weldon foi um intelectual, um cínico descrente. Mas, certo dia, um comentário seu redirecionou a vida de Lewis. Ele estava estudando a defesa teológica dos evangelhos. "Inebriante", comentou (com a peculiaridade de um britânico), "este assunto do... Deus que morreu. É quase como se tivesse realmente acontecido." Lewis mal pôde crer no que ouvira. A princípio pensou que Weldon estivesse bêbado. A afirmação — tão brusca e casual — foi suficiente para fazer com que Lewis acreditasse que Jesus poderia ser realmente quem ele declarava ser.[2]

Um ladrão foi levado a Cristo por alguém que rejeitou a Cristo. Um aluno foi levado a Cristo por alguém que não acreditava em Cristo.

Não há pessoa que Ele não possa usar. E,

Não há linguagem que Ele não possa falar.

Qualquer transeunte poderia ler os sinais, pois qualquer um conseguia ler hebraico, latim ou grego — os idiomas mais importantes do mundo antigo. "Hebraico era o idioma de Israel, a linguagem da religião; o latim, idioma dos romanos, a linguagem da lei e dos governos; e o grego, idioma da Grécia, a linguagem da cultura. Cristo foi declarado rei em todas elas."3 Deus tem uma mensagem para cada uma. "Cristo é o Rei." A mensagem era a mesma, porém em diferentes idiomas. Uma vez que Jesus era o Rei de todos estes povos, a mensagem teria de ser no idioma de cada um deles.

Não há língua que Ele não fale. O que nos leva a uma maravilhosa questão. Em que linguagem Ele está falando com você? Não me refiro a um idioma ou dialeto, mas ao seu cotidiano. Como já é sabido, Deus fala. Ele fala conosco em qualquer língua que entendamos.

Há momentos em que utiliza a "linguagem da abundância". Como está o seu tempo? Suas contas estão pagas? Tem alguns tostões em sua carteira? Não fique tão orgulhoso pelo que você possui, pois pode acabar não ouvindo o que precisa. Será que você pode ofertar muito porque possui muito? "E Deus é poderoso para tornar abundantemente em vós toda graça, a fim de que, tendo sempre, em tudo, toda suficiência, superabundeis em toda boa obra" (2 Co 9.8).

Deus está utilizando a "linguagem da abundância"? Ou você está ouvindo o "vernáculo da necessidade"? Preferimos quando a linguagem da abundância é utilizada, mas não é sempre assim.

Posso compartilhar uma época em que Deus me deu uma mensagem utilizando a necessidade? O nascimento de nossa primeira filha coincidiu com o cancelamento de nosso plano de saúde. Ainda não compreendo como isto aconteceu. Este fato estava relacionado com o fato de a empresa ter sede nos EUA e Jenna ter nascido no Brasil. Denalyn e eu fomos surpreendidos pela alegria de uma menina de 3,5 quilos e o fardo de uma conta hospitalar de, na época, duzentos e cinqüenta dólares. Pagamos a conta raspando toda a nossa poupança.

Gratos por termos podido pagar a dívida, mas desnorteados pelo problema do seguro-saúde, pensei: "Estará Deus tentando nos dizer algo?"

Após algumas semanas veio a resposta. Fui convidado para falar em um retiro para uma pequena, porém muito alegre, igreja na Flórida. Um membro da congregação entregou-me um envelope e disse:

— Isto é para a sua família.

Tais presentes não eram incomuns. Estávamos acostumados a isto e gratos por estes solícitos donativos, que geravam entre cinqüenta a cem dólares. Eu esperava que a oferta estivesse em torno disto. Mas, quando abri o envelope, o cheque era (você já pode adivinhar) de duzentos e cinqüenta dólares.

Embora fosse através da linguagem da necessidade, Deus falou comigo. Foi como se dissesse: "Max, estou envolvido em sua vida. Vou tomar conta de você".

Você está ouvindo a "linguagem da necessidade"? Quem sabe a "linguagem da aflição"? Falando sobre um idioma que evitamos, você e eu sabemos que Deus fala em corredores de hospitais e leitos de enfermidades. Sabemos o que Davi quis dizer com as palavras: "Deitar-me faz em verdes pastos" (Sl 23.2). Nada parece voltar nossos ouvidos à voz de Deus como um corpo enfermo.

Deus fala todas as linguagens — incluindo a sua. Não disse Ele, "Instruir-te-ei e ensinar-te-ei o caminho que deves seguir" (Sl 32.8)? Em Jó 22.22 somos advertidos: "Aceita, peço-te, a lei da sua boca e põe as suas palavras no teu coração". Qual linguagem Deus tem utilizado para falar a sua vida?

E você não está grato por isso? Não está feliz por Ele se importar a ponto de falar contigo? Não é bom saber que "o segredo do Senhor é para todos que o temem" (Sl 25.14)?

Meu tio Carl ficou grato por alguém ter falado com ele. Um caso de sarampo na infância o deixou surdo e mudo. Quase todos os seus sessenta e tantos anos foram vividos em impassível silêncio. Poucas pessoas falavam sua linguagem.

Meu pai foi um deles. Talvez o fato de ser o irmão mais velho o fizesse sentir-se protetor. Após a morte de seu pai, provavelmente ele tenha se sentido abandonado. Qualquer que tenha sido o motivo, meu pai aprendeu a linguagem dos sinais. Papai não era um aluno ávido. Ele não terminou o colegial. Tampouco freqüentou a faculdade. Nunca sentiu necessidade de aprender espanhol ou francês. Mas a linguagem de seu irmão foi um aprendizado em que meu pai se empenhou profundamente.

Era só papai entrar no aposento e o rosto de Carl brilhava. Os dois encontravam um canto, as mãos voavam e eles se divertiam muito. E, embora nunca tivesse ouvido Carl dizer obrigado (ele não podia), seu grande sorriso não deixava dúvidas de sua gratidão. Meu pai aprendera a sua linguagem.

Seu Pai também aprendeu a falar a sua linguagem. "Por que a vós é dado conhecer os mistérios do Reino dos céus." (Mt 13.11). Seria possível encontrar uma palavra de agradecimento a Ele? E, enquanto isto, pergunte a Ele se você pode estar perdendo quaisquer sinais que Ele esteja colocando em seu caminho.

Uma coisa é não compreender a mensagem de sua esposa sobre limpar a casa. Outra completamente diferente é não compreender a mensagem de Deus sobre o destino de sua vida.

6. "A Escolha É sua"

A PROMESSA DE DEUS ATRAVÉS DAS DUAS CRUZES

Onde o crucificaram, e, com ele, outros dois, um de cada lado, e Jesus no meio. JOÃO 19.18

A prisão foi abalada, e suas portas abertas, mas, a menos que saiamos de nossas celas e sigamos em direção à luz da li herda de, ainda permanecemos sem verdadeira remissão. DONALD BLOESCH

No madeiro da cruz o 'mundo foi salvo de uma só vez, e, qualquer que esteja perdido, perde-se a si mesmo, por não aceitar ao Salvador, por cair novamente e repetir a queda de Adão. CONDE NIKOLAUS LUDWIG VON ZINZENDORF

Conheça Edwin Thomas, o mestre do palco. Durante a segunda metade do século XIX, este pequeno homem com voz forte possuía alguns rivais. Estreando em Ricardo III aos quinze anos, ele rapidamente estabeleceu-se como o primeiro ator Shakespeariano. Em Nova York ele representou Hamlet durante cem noites consecutivas. Em Londres, ganhou a aprovação da dura crítica britânica. Quando o assunto era tragédia no palco, Edwin Thomas fazia parte de um seleto grupo qualificado.

Quando a tragédia passou para a vida real, o mesmo também pôde ser dito.

Edwin tinha dois irmãos, John e Junius, ambos atores, embora não chegassem à sua altura. Em 1863, os três irmãos uniram seus talentos para representar Júlio César. O fato de seu irmão John ter representado o papel de Brutus seria um sinistro

precursor do que aguardava os irmãos — e a nação — dois anos adiante.

O John que representou o assassino em Júlio César foi o mesmo que fez o papel de assassino no teatro Ford. Em uma fria noite de abril em 1865, ele entrou silenciosamente pela parte de trás em um camarote e atirou contra a cabeça de Abraham Lincoln. Sim, o sobrenome dos irmãos era Booth — Edwin Thomas Booth e John Wilkes Booth.

Edwin nunca mais foi o mesmo após aquela noite. A vergonha pelo crime de seu irmão fez com que ele se aposentasse. Ele nunca teria voltado ao palco, não fosse por um fato inusitado ocorrido em uma estação de trem em Nova Jersey. Edwin aguardava seu vagão quando um jovem bem vestido, imprensado pela multidão, desequilibrou-se e caiu entre a plataforma e o trem em movimento. Sem hesitar, Edwin colocou seu pé no trilho, agarrou o homem, e o puxou a salvo. Após os sinais de alívio, o jovem reconheceu o famoso Edwin Booth.

Edwin, no entanto, não reconheceu a pessoa a quem havia resgatado. Tal reconhecimento só veio a acontecer .algumas semanas mais tarde através de uma carta, que ele carregou em seu bolso até o dia de sua morte. Uma carta do General Adams Budeau, secretário chefe do General Ulisses S. Grant. Uma carta de agradecimento a Edwin Booth por ter salvo a vida do filho de um herói americano, Abraham Lincoln. Que ironia, enquanto um irmão assassinava o presidente, o outro salvava a vida do filho do presidente. O nome do rapaz que Edwin Booth salvou? Robert Todd Lincoln [1].

Edwin e James Booth. Mesmo pai, mãe, profissão e paixão mesmo assim um escolhe a vida e ou outro, a morte. Como pode ser? Não sei, mas acontece. Embora seja uma história dramática, não é única.

Caim e Abel, ambos filhos da Adão. Abel escolhe Deus. Caim escolhe o crime. E Deus permite que isto aconteça.

Abraão e Ló, ambos peregrinos em Canaã. Abraão escolhe Deus. Ló escolhe Sodoma. E Deus permite que isto aconteça.

Davi e Saul, ambos reis de Israel. Davi escolhe Deus. Saul escolhe o poder. E Deus permite que isto aconteça.

Pedro e Judas, ambos negaram ao Senhor. Pedro busca misericórdia. Judas busca a morte. E Deus permite que isto aconteça.

A cada estágio da história, em cada página da Escritura, a verdade é revelada: Deus permite que façamos nossas próprias opções.

E ninguém delineia isto mais claro do que Jesus. De acordo com Ele, podemos escolher:

A porta larga ou a porta estreita (Mt 7.13-14)

O caminho espaçoso ou o caminho apertado (Mt 7.13-14)

A grande multidão ou a pequena multidão (Mt 7.13-14)

Podemos também escolher:

Construir sobre a rocha ou a areia (Mt 7.24-27)

Servir a Deus ou às riquezas (Mt 6.24)

Somar com os bodes ou com as ovelhas (Mt 25.32-33)

"e todas as nações serão reunidas diante dele, e apartará uns dos outros, como o pastor aparta dos bodes as ovelhas. E porá as ovelhas à sua direita, mas os bodes à esquerda" (Mt 25.46).

Deus oferece opções eternas, e estas escolhas possuem conseqüências eternas.

Isto não faz lembrar do trio no Calvário? Você já pensou por que havia duas cruzes próximas a Jesus? Por que não seis ou dez? Já pensou por que Jesus estava no centro? Por que não à direita ou à esquerda? Poderia ser porque as duas cruzes no monte simbolizam um dos maiores presentes de Deus? O presente da escolha.

Os dois criminosos tinham muito em comum. Condenados pelo mesmo sistema. Sentenciados à mesma morte. Rodeados pela mesma cruz. Igualmente próximos a Jesus. Na verdade, ambos

iniciaram a conversa com o mesmo sarcasmo: "E o mesmo lhe lançaram também em rosto os salteadores que com ele estavam crucificados" (Mt 27.44).

Mas um mudou.

E um dos malfeitores que estavam pendurados blasfemava dele, dizendo: Se tu és o Cristo, salva-te a ti mesmo e a nós. Respondendo, porém, o outro, repreendia-o, dizendo: Tu nem ainda temes a Deus, estando na mesma condenação? E nós, na verdade, com justiça, porque recebemos o que os nossos feitos mereciam; mas este nenhum mal fez.

> E disse a Jesus: Senhor, lembra-te de mim, quando entrares no teu Reino. E disse-lhe Jesus: Em verdade te digo que hoje estarás comigo no Paraíso (Lc 23.39-43).

Muito tem sido dito sobre a oração do ladrão penitente, e isto certamente garante nossa admiração. Mas, enquanto nos regozijamos pelo ladrão arrependido, será que ousamos nos esquecer do que não se arrependeu? E quanto a ele, Jesus? Não teria sido apropriado um apelo? Quem sabe uma palavra de persuasão não teria sido eficaz?

Não deixou o pastor suas noventa e nove ovelhas e foi em busca da que havia se perdido? A dona de casa não procura por todos os aposentos até que a moeda seja encontrada? O pastor sim, a dona de casa sim, mas o pai do filho pródigo, lembre-se, nada fez.

A ovelha perdeu-se por inocência.

A moeda foi perdida por irresponsabilidade. Mas o pródigo saiu de casa intencionalmente.

O pai ofereceu-lhe o benefício da escolha. Jesus fez o mesmo com os ladrões.

Há momentos em que Deus envia trovões para nos sacudir. Há momentos em que Deus manda bênçãos para nos alegrar. Então há momentos quando Deus nada manda além de silêncio, enquanto nos honra com a liberdade de escolha do local onde passaremos a eternidade.

E que honra! Em tantas áreas da vida não temos escolhas. Pense nisto. Não escolhemos nosso sexo. Não escolhemos nossos irmãos. Não escolhemos nossa raça ou local de nascimento.

Algumas vezes a falta de opção nos enfurece. "Não é justo", dizemos. Não é justo que eu tenha nascido pobre, ou que não cante tão bem, ou que eu não seja tão veloz. Mas as escalas da vida foram deixadas de lado para sempre quando Deus plantou uma árvore no Jardim do Éden. Todas as reclamações cessaram quando Adão e sua descendência receberam o livre arbítrio, a liberdade de fazermos qualquer escolha eterna. Qualquer injustiça nesta vida é compensada pela honra da escolha de nosso destino eterno.

Você não concorda? Você teria desejado de outra forma? Será que você teria escolhido o oposto? Pode-se escolher qualquer coisa nesta vida, e Ele escolhe onde você passará a eternidade? Você escolhe o tamanho do seu nariz, a cor do seu cabelo, estrutura de DNA, e Ele escolhe onde você passará a eternidade? É este o seu desejo?

Teria sido bom se Deus permitisse que escolhêssemos a vida terrena como escolhemos um prato no restaurante. Eu escolheria uma saúde de ferro e um QI elevado. As habilidades musicais não receberiam tanta atenção, mas dê-me um metabolismo rápido... Seria maravilhoso. Mas isto não aconteceu. Quando o assunto é vida na terra, não nos é dado o direito de voto ou opção.

Quando o assunto é vida após a morte, recebemos este direito.

Em meu livro este parece ser um ótimo negócio. Concorda?

Será que recebemos algum privilégio maior do que o da escolha?

Este privilégio não apenas compensa qualquer injustiça como também o dom da liberdade compensará quaisquer enganos.

Pense no ladrão que se arrependeu. Embora pouco saibamos sobre ele, temos uma certeza: a de que ele fez algumas opções ruins na vida. Ele escolheu a multidão errada, as morais erradas e o comportamento errado. Mas você acha que sua vida foi desperdiçada? Está ele passando a eternidade colhendo os frutos de todas as suas escolhas erradas? Não, exatamente o contrário. Ele está saboreando o fruto destinado aos que fazem a escolha

certa como ele fez. o final, todas as suas más escolhas foram redimidas por uma única boa opção.

Você tem feito algumas opções erradas na vida, certo? Escolheu os amigos errados, talvez a carreira errada, até mesmo o cônjuge errado. Ao olhar para trás você pensa, "Se ao menos... se eu pudesse modificar estas escolhas erradas." Você pode. Uma boa escolha para a eternidade compensa milhares de escolhas erradas na terra.

A escolha é sua.

Como podem dois irmãos, nascidos da mesma mãe, terem crescido na mesma casa, e um ter escolhido a vida e o outro a morte? Eu não sei, mas aconteceu.

Como podem dois homens ter visto o mesmo Jesus, e um ter escolhido rir dEle e o outro, orar a Ele? Não sei, mas aconteceu.

E, quando um orou, Jesus o amou de tal maneira que o salvou. E quando o outro caçoou, Jesus o amou o suficiente para permitir isto.

Ele permitiu a escolha.

E o mesmo Ele faz por você.

7. "Não te Abandonarei"

A Promessa de Deus na Caminhada

E não somente isto, mas também nos gloriamos em Deus por nosso Senhor Jesus Cristo, pelo qual agora alcançamos a reconciliação. ROMANOS 5.11

O pecado, segundo a perspectiva bíblica, é uma rebelião positiva. DONALD BLOESCH

Ele nos tirou da potestade das trevas e nos transportou para o Reino do Filho do seu amor. COLOSSENSES 1.13

Realmente o homem necessita de uma mudança de coração; ele precisa começar a odiar o seu pecado ao invés de amá-lo, e a amar a Deus ao invés de odiá-lo; ele precisa, resumindo, reconciliar-se com Deus. E o local, acima de todos os outros, onde toda esta mudança se inicia é aos pés da cruz, quando compreende alguma coisa sobre o ódio de Deus pelo pecado e seu indescritível amor pelo pecador. J. N. D. ANDERSON

Madeline, apenas cinco anos, subia no colo de seu pai — Você já terminou de comer? — Pergunta ele.

Ela sorri e bate com a mãozinha na barriga.

— Não cabe mais nada.

— Você comeu a torta da sua avó?

— Um pedaço inteirinho!

Joe olhou para a sua mãe, que estava do outro lado da mesa:

— Parece que você conseguiu alimentar todos nós. Não pense que conseguiremos jazer outra coisa esta noite além de ir para a cama.

Madeline colocou suas mãozinhas em cada lado de seu grande rosto.

— Ah, papai, é noite de Natal. Você disse que poderíamos dançar.

Joe fingiu um lapso de memória.

— Eu disse? Não me lembro de ter dito qualquer coisa sobre dançar.

Vovó sorriu, balançou a cabeça e começou a limpar a mesa.

— Mas, papai — contestou Madeline — sempre dançamos na noite de Natal. Só nos dois, lembra?

Então ele deu um grande sorriso que mexeu até seu grande bigode.

— É claro que me lembro, como poderia esquecer?

Assim ele colocou-se de pé, tomou-a pela mão e, por um momento, só um momento, sua esposa estava viva novamente, e os dois entravam em seu refúgio para passar a noite de Natal como tantas outras, dançando noite adentro.

Eles teriam dançado pelo resto de suas vidas; então aconteceu a gravidez inesperada e as complicações. Madeline sobreviveu. Mas sua mãe não. E Joe, o açougueiro de Minessota, foi obrigado a criar sua Madeline sozinho.

— Vamos, papai — ela balançava a mão de seu pai. — Vamos dançar antes que as pessoas comecem a chegar.

Ela estava certa. Logo a campainha soaria, os parentes ocupariam os espaços livres e a noite estaria terminada.

Mas, por agora, havia somente Papai e Madeline.

O amor de um pai por seu filho possui uma força poderosa.

Observe um casal com seu filho recém-nascido. O bebê nada pode oferecer a seus pais. Absolutamente nada. Dinheiro, habilidade, palavra de sabedoria. Se ele tivesse bolsos, estariam vazios. Ver um bebê deitado em um berço é o mesmo que observar uma total impotência. E se não houvesse amor?

Quaisquer que sejam as necessidades, mamãe e papai suprirão.

Apenas olhe para o rosto do bebê enquanto ela o amamenta. Olhe para os olhos do pai enquanto ele acomoda a criança em seus braços. E tente falar mal do pequeno bebê. Se for ousado o suficiente, encontrará uma poderosa força, pois o amor de um pai ou mãe é extraordinário.

Jesus perguntou certa vez, se nós, pecadores, temos tanto amor, quanto mais Deus, o Pai celestial e sem pecado, nos ama? [1]

Mas, o que acontece quando o amor não é correspondido? O que acontece ao coração do pai quando seu amor não é correspondido?

A rebeldia chegou ao mundo de Joe de forma bizarra. Quando chegou à idade permitida para dirigir, Madeline pensou ser adulta

suficiente para dirigir também sua vida. E esta vida não incluía a de seu pai.

"Eu deveria ter percebido antes", diria Joe mais tarde. Ele não soube o que fazer. Ele não soube como lidar com o piercing no nariz e as camisetas apertadas. Não compreendia as noitadas e as notas baixas. E acima de tudo, ele não sabia quando falar e quando se calar.

Ela, por sua vez, já tinha tudo planejado. Sabia quando falar com seu pai — nunca. Quando ficar calada — sempre. No entanto, este comportamento era totalmente diferente com o rapaz desengonçado e tatuado da rua de baixo, e Joe sabia disso.

De jeito nenhum ele iria permitir que sua filha passasse a noite de Natal com aquele sujeito.

— Você vai ficar conosco esta noite, mocinha. Vamos jantar na casa da sua avó e comer a torta dela. Vamos ficar em família na noite de Natal.

Embora sentados à mesma mesa, eles pareciam estar em lados opostos da cidade. Madeline brincava com a comida sem dizer uma palavra sequer. Vovó tentava conversar com Joe, mas ele não estava com vontade de falar. Parte dele estava furiosa; outra parte de coração partido, e o resto dele teria dado tudo para saber como falar com a garotinha que costumava sentar em seu colo.

Logo chegaram os parentes, trazendo consigo um bom final para aquele silêncio horrível. À medida que o aposento se enchia de pessoas e barulho, Joe ficava de um lado, e Madeline carrancuda, sentada do outro lado.

— Coloque uma música, Joe — lembrou um de seus irmãos. E assim ele fez. Pensando que ela se sentiria honrada, ele foi ao encontro de sua filha:

— Você dançaria com seu papai esta noite?

Da forma como ela se zangou e virou, qualquer um pensaria que ele a havia insultado.

Em frente de todos os familiares, ela abriu a porta da casa e saiu a pé. Deixando seu pai sozinho.

Muito solitário.

De acordo com a Bíblia, temos feito o mesmo. Temos rejeitado o' amor de nosso Pai: "cada um se desviava pelo seu caminho" (Is 53.6).

Paulo piora ainda um pouco nossa rebelião. Temos feito mais do que nos desviar, diz ele; temos nos voltado contra. "Porque Cristo, estando nós ainda fracos, morreu a seu tempo pelos ímpios" (Rm 5.6).

Ele fala ainda mais rudemente no versículo 10: "Porque, se nós, sendo inimigos".

Duras palavras, não acha? Um inimigo é um adversário. Aquele que ofende, não por ignorância, mas intencionalmente. Isto nos descreve? Alguma vez já nos voltamos contra nosso Pai?

Você alguma vez...

...fez alguma coisa, sabendo que Deus não queria que você fizesse?

...feriu um de seus filhos ou parte da criação?

...apoiou ou aplaudiu o trabalho de seu adversário, o diabo?

...deu às costas ao nosso Pai celestial em público?

Em caso afirmativo, não fez você então o papel de inimigo? Então como Deus reage quando nos tornamos seus inimigos?

Madeline voltou naquela noite, mas não por muito tempo. Joe nunca a culpou por ter saído. Além do mais, como ela se sentia sendo a filha de um açougueiro? Em seus últimos dias juntos, ele tentou com todas as suas forças. Fez seu jantar favorito — ela não quis comer. Convidou-a para ir ao cinema — ela permaneceu em seu quarto. Comprou-lhe um vestido novo — ela nem mesmo agradeceu. Então, naquela manhã de primavera, ele saiu cedo para trabalhar, afim de poder estar de volta antes que ela chegasse da escola.

Este foi o dia em que ela não mais voltou para casa.

Uma amiga disse ter visto Madeline e seu namorado na estação de ônibus. As autoridades confirmaram a compra de uma passagem para Chicago, de onde ninguém mais a encontrou.

A estrada mais notória do mundo é a Via Dolorosa, "o Caminho do Sofrimento." De acordo com a tradição, esta foi a rota que Jesus fez do tribunal de Pilatos até o Calvário. O caminho é marcado por paradas usadas pelos cristãos para seus devocionais. Uma parada marca a passagem do veredicto de Pilatos. Outra, o momento em que Simão carregou a cruz. Duas paradas marcam o tropeço de Jesus, outra as palavras de Cristo. No total, existem quatorze paradas, cada uma lembrando os fatos da jornada final de Jesus.

Seria esta rota precisa? Provavelmente não. Quando Jerusalém foi destruída no ano 70 d.C. e novamente em 135 d.C., as ruas da cidade foram destruídas. Como resultado, ninguém conhece exatamente o caminho feito por Cristo naquela sexta-feira.

Mas nós sabemos exatamente onde iniciou este caminho.

Ele começou, não no tribunal de Pilatos, mas nos átrios dos céus.

O Pai começou a sua jornada quando deixou sua casa à nossa procura. Armado com nada mais do que a paixão de ganhar nosso coração, Ele veio à busca. Seu desejo era singular — trazer seus filhos para casa. A Bíblia tem uma palavra para esta questão: reconciliação.

"Deus estava em Cristo reconciliando consigo o mundo" (2 Co 5.19). A palavra grega para reconciliar significa "retribuir algo de maneira diferente." [2] A reconciliação inverte a rebelião, reacende a fria paixão.

A reconciliação toca os ombros do inconstante e o faz retomar a casa.

O caminho da cruz nos ensina exatamente quão distante o Senhor caminha para nos buscar.

O garoto desajeitado e tatuado tinha um primo. Ele trabalhava no turno da noite em uma loja de conveniência no sul

de Houston. Por alguns trocados por mês, ele permitia que os fugitivos ficassem em seu apartamento durante a noite, mas eram obrigados a sair durante o dia.

O que era ótimo para eles, pois tinham grandes planos. Ele seria mecânico, e Madeline só sabia que poderia conseguir um emprego em uma loja de departamentos. É claro que ele nada sabia sobre carros, e ela menos ainda sobre arrumar emprego — mas não é assim que uma pessoa pensa quando está intoxicada pela liberdade.

Após algumas semanas, o primo mudou de idéia. E, no dia em que anunciou sua decisão, o namorado anunciou a dele. Madeline encontrou-se enfrentando a noite sem lugar para dormir ou mão para segurar.

Esta foi a primeira de muitas noites.

Uma mulher no parque contou-lhe sobre um abrigo para mendigos próximo à ponte. Por alguns trocados ela conseguiria um prato de sopa e uma cama. Alguns trocados era tudo o que ela tinha. Ela usou sua mochila como travesseiro e a jaqueta como cobertor. Havia tanta arruaça que era impossível dormir naquele lugar. Madeline virou seu rosto para a parede e, pela primeira vez em vários dias, lembrou-se do rosto de seu pai ao dar-lhe um beijo de boa noite. Mas, quando seus olhos começaram a ficar marejados, ela recusou-se a chorar, empurrando as lembranças para o fundo de seu ser e determinando-se a não mais pensar em sua casa.

Ela tinha ido muito longe para voltar.

Na manhã seguinte a garota da cama ao lado mostrou-lhe a mão cheia de gorjetas que recebera por dançar em cima das mesas.

— Esta foi a última noite que dormi aqui — disse ela. — Agora posso morar em outro lugar. Eles me disseram que estão procurando outra moça. Você deveria vir- ela procurou em sua bolsa e tirou uma caixa de fósforos. — Este é o endereço.

O estômago de Madeline embrulhou só de pensar. Tudo o que ela fez foi murmurar:

— Vou pensar no assunto.

Ela passou o resto da semana nas ruas à procura de trabalho. Ao final da semana, quando chegou o momento de pagar sua conta

no abrigo, ela colocou a mão em seu bolso e tirou a caixa de fósforos. Era tudo o que lhe sobrara.

— Não vou ficar esta noite. — disse ela ao sair pela porta. A fome tem seus caminhos para amenizar as convicções.

Orgulho e vergonha. Você nunca diria que são irmãos. Eles parecem ser tão diferentes. O orgulho empinou seu peito. A vergonha pesa em sua cabeça. O orgulho ostenta. A vergonha esconde. O orgulho busca o reconhecimento. A vergonha busca ser evitada.

Mas não se engane, as emoções possuem a mesma parentela. E as emoções têm o mesmo impacto. Elas o afastam de seu Pai.

O orgulho diz: "Você é muito bom para ele". A vergonha diz: "Você é muito ruim para ele". O orgulho o afasta.

A vergonha o mantém afastado.

Se o orgulho precede à queda, então a vergonha é o que o impede de levantar-se após a queda.

Se Madeline sabia alguma coisa, era dançar. Seu pai a havia ensinado. Agora homens da idade dele a assistiam. Ela não percebeu — nem pensou nisto. Madeline simplesmente fez seu trabalho e pegou o dinheiro.

Ela pode nunca ter pensado sobre o assunto, a não ser pelas cartas trazidas pelo primo. Todas endereçadas a ela. Todas de seu pai.

— Seu antigo namorado deve ter fofocado sobre você. Elas chegam de duas a três vezes por semana — reclamou o primo. — Dê a ele o seu endereço.

Ah, mas ela não podia fazer isso. Ele a encontraria.

Ela tampouco pensava em abrir os envelopes, pois já sabia seu conteúdo: ele queria que ela voltasse para casa. Mas se ele soubesse qual era o seu trabalho, não estaria escrevendo.

Parecia ser menos doloroso não lê-las. Assim pensou ela. Não as leu naquela semana, nem na semana seguinte, quando seu primo trouxe mais, tampouco na seguinte, quando tudo se repetiu.

Ela as guardava no armário da boate, organizadas de acordo com as datas em que foram postadas. Ela corria os dedos pelas bordas de todas elas, mas não conseguia abrir uma sequer.

Durante a maioria dos dias, Madeline conseguia entorpecer suas emoções. Pensamentos de sua casa e pensamentos de vergonha caíam juntos no mesmo lugar em seu coração. Mas havia momentos em que seus pensamentos eram muito fortes para resistir.

Como no dia em que ela viu um vestido na vitrine de uma loja, da mesma cor que seu pai havia lhe dado. Um vestido muito simples para ela. Com muita relutância ela o vestiu e ficou em frente ao espelho, ao lado de seu pai.

— Mas você está quase da minha altura — disse ele.

Ela havia se esquivado ao seu toque. Notando sua face abatida refletida na vitrine da loja, Madeline percebeu que daria mil vestidos para sentir seus braços novamente. Ela saiu da loja e resolveu não passar mais por ali.

No momento certo as folhas caem e a temperatura abaixa. O correio chegou, o primo reclamou e o estoque de cartas cresceu. Ainda assim ela se recusava a mandar-lhe seu endereço, como também a ler as cartas.

Então, alguns dias antes da noite de Natal, outra carta chegou.

Mesmo tamanho, mesma cor. Mas esta não tinha o selo do correio. E não havia sido entregue por seu primo. Havia sido colocada em sua penteadeira.

— Há alguns dias um homem grande passou por aqui e pediu que eu entregasse isto a você. — explicou uma das outras dançarinas. — Disse que você iria entender a mensagem.

— Ele esteve aqui? — perguntou ela ansiosa. A mulher levantou os ombros.

— Suponho que sim.

Madeline engoliu a seco e olhou para o envelope. Ela o abriu e removeu o cartão. "Sei onde você está ", lia-se, ''sei o que você jaz. Isto não muda o que sinto. O que eu disse nas outras cartas ainda é verdadeiro".

— Mas eu não sei o que você disse — declarou Madeline. Ela pegou uma carta do topo da pilha e leu. Então a segunda e a terceira. Cada uma delas possuía a mesma frase. Cada sentença fazia a mesma pergunta.

Em questão de segundos o chão estava coberto de papéis e seu rosto em lágrimas.

Após uma hora ela estava no ônibus. "Tenho que chegar a tempo."

Os parentes estavam começando a sair. Joe estava ajudando a vovó na cozinha, quando seu irmão o chamou do subitamente silencioso aposento.

— Joe, tem alguém aqui que quer vê-lo.

Joe saiu da cozinha e parou. Em uma mão a moça carregava uma mochila, na outra um cartão. Joe viu a pergunta em seus olhos.

— A resposta é sim — disse ela ao pai. — Se o convite ainda estiver de pé, a resposta é sim.

Joe mal podia acreditar.

— Oh, meu convite está de pé!

Então os dois dançaram novamente na noite de Natal.

No chão, próximo à porta, havia uma carta com o nome de Madeline e a pergunta de seu pai.

"Você viria para casa e dançaria novamente com seu papai?"

8. "Dar-te-ei minha Túnica"

A Promessa de Deus através das Vestes

Mas Cristo sem culpa... tomou sobre si o nosso castigo, para que Ele pudesse verdadeiramente expiar a nossa culpa, e destruir a nossa punição. SANTO AGOSTINHO

Porque também Cristo padeceu uma vez pelos pecados, o justo pelos injustos, para levar-nos a Deus.
1 PEDRO 3.18

Este é o mistério da riqueza da divina graça para os pecadores; através de uma maravilhosa troca, nossos pecados não são mais nossos, mas de Cristo, e a integridade de Cristo não é mais dEle, e sim, nossa.
MARTINHO LUTERO

O maitre não mudaria de idéia. Ele não se importava que esta fosse nossa lua-de-mel. Não importava que a noite no chique restaurante do Country Clube fosse um presente de casamento. Ele não se importava com o fato de que Denalyn e eu tivéssemos ido sem almoçar para guardar um lugarzinho para o jantar. Tudo isto era nada comparado ao vultuoso problema.

Eu não estava usando paletó.

Eu não sabia que precisaria de um. Pensei que camisa social fosse o suficiente. Ela estava limpa e passada. Mas o senhor black-tie com sotaque francês estava impassível. Ele acomodou todas as outras pessoas. Sr. e Sra. Cortês sentaram-se a uma mesa. Sr. e Sra. Muito Obrigado também se sentaram. Mas e quanto ao Sr. e Sra. Sem Paletó?

Se eu tivesse outra opção, não teria implorado. Mas não tinha. A hora estava avançada. Os outros restaurantes já haviam fechado, e estávamos famintos.

— Deve haver algo que você possa fazer — implorei.

Ele olhou para mim, então para Denalyn, e expressou um longo sinal que encheu suas bochechas.

— Está bem, deixe-me ver.

Ele desapareceu no guarda-objetos e emergiu com um paletó.

— Vista isto — eu vesti.

As mangas eram muito curtas. Os ombros muito apertados. E a cor era verde-limão. Mas eu não reclamei. Já tinha o paletó, e estava seguindo em direção à mesa. (Não conte a ninguém, mas eu o tirei quando a comida chegou.)

Com todo o inconveniente da noite, conseguimos um jantar maravilhoso e uma parábola ainda melhor.

Eu precisava de um paletó, mas tudo que eu tinha era uma oração. O camarada era muito gentil para virar-me as costas e muito elegante para abaixar o padrão. Assim, a mesma pessoa que requereu o paletó deu-me o paletó, e conseguimos a mesa.

Não foi isto que aconteceu com a cruz? Os assentos à mesa de Deus não estão disponíveis para os desleixados. Mas quem dentre nós é melhor do que isto? Rude moralidade. Desalinhado com a verdade. Descuidado com as pessoas. Nossas vestes morais estão em desordem. O padrão para sentar à mesa de Deus é alto, mas o amor de Deus para com seus filhos é ainda maior. Então Ele oferece um presente.

Não um paletó verde-limão, mas uma túnica. Uma veste sem igual. Não uma túnica tirada de um guarda-objetos, mas uma túnica usada por seu Filho, Jesus.

As Escrituras pouco dizem sobre as roupas que Jesus usava.

Sabemos o que seu primo, João Batista, vestia. Sabemos o que vestiam os líderes religiosos. Mas as roupas de Cristo não são descritas: não tão humildes para tocar os corações, nem tão glamourosas para atrair as atenções. Uma referência às vestes de Jesus é notável: "Tendo, pois, os soldados crucificado a Jesus, tomaram as suas vestes e fizeram quatro partes, para cada soldado uma parte, e também a túnica. A túnica, porém, tecida toda de alto a baixo, não tinha costura. Disseram, pois, uns aos outros: Não a rasguemos, mas lancemos sortes sobre ela, para ver de quem será" (Jô 19.23-24).

Este deve ter sido o bem mais precioso de Jesus. A tradição judaica mandava que a mãe confeccionasse uma túnica e presenteasse seu filho como um presente de partida. Será que Maria a tinha feito para Jesus? Não sabemos. Mas sabemos que a túnica não tinha costura, feita de cima a baixo. Por que isto é importante?

As Escrituras sempre descrevem nosso comportamento com as roupas que usamos. Pedro nos adverte: "cingi-vos todos de humildade" (1 Pe 5.5; Almeida Atualizada). Davi fala que a pessoa má "se vestiu de maldição como dum vestido" (Sl 109.18; Almeida Atualizada). Vestimentas podem simbolizar o caráter, e, assim

como suas vestes, o caráter de Jesus era sem costuras. Coordenado. Único. Ele era como seu manto: perfeição ininterrupta.

"Tecida... pelo pescoço." Jesus não era guiado por sua própria mente; e sim, pela mente de seu Pai. Ouça estas palavras:

> "Mas Jesus respondeu e disse-lhes: Na verdade, na verdade, vos digo que o Filho por si mesmo não pode fazer coisa alguma, se o não vir fazer ao Pai, porque tudo quanto ele faz, o Filho o faz igualmente" (Jo 5.19).

> "Eu não posso de mim mesmo fazer coisa alguma; como ouço, assim julgo" (Jo 5.30).

O caráter de Jesus era de tecido sem costura desde o céu até a terra... dos pensamentos de Deus para as ações de Jesus. Das lágrimas de Deus à compaixão de Jesus. Da Palavra de Deus à resposta de Jesus. Todos em um. Todos um quadro do caráter de Jesus.

Mas quando Cristo foi pregado na cruz, Ele tirou seu manto de perfeição única e colocou uma vestimenta diferente. As vestes da indignidade.

A indignidade do nudismo. Despido perante sua própria mãe e amados. Envergonhado perante sua família.

A indignidade da falha. Durante algumas horas repletas de dor, os líderes religiosos foram vitoriosos, e Cristo pareceu um perdedor. Vergonha diante de seus acusadores.

Pior ainda, Ele vestiu a indignidade do pecado:

> "levando ele mesmo em seu corpo os nossos pecados sobre o madeiro, para que, mortos para os pecados, pudéssemos viver para a justiça; e pelas suas feridas fostes sarados" (1 Pe 2.24).

As vestes de Cristo na cruz? Pecados — seus e meus. Os pecados de toda a humanidade.

Ainda me lembro quando meu pai me explicou o porquê de um grupo de homens no acostamento da estrada vestindo roupas rasgadas. "São presidiários", disse ele. "Infringiram a lei e estão trabalhando para pagar suas penas".

Sabe o que mais me impressionou quanto a esses homens? Eles nunca olhavam para cima. Nunca faziam contato visual. Será que estavam envergonhados? Provavelmente sim.

O que eles sentiam naquele acostamento da estrada foi o mesmo que sentiu o nosso Salvador na cruz — desgraça. Cada aspecto da crucificação tencionava não apenas ferir a vítima mas envergonhá-la também. A morte de cruz costumava ser reservada para os piores ofensores: escravos, assassinos, criminosos e afins. A pessoa condenada tinha de marchar pelas ruas da cidade, carregando sua cruz e levando no pescoço uma placa, que especificava o crime cometido. No local da execução ela era desnudada e caçoada.

A crucificação era tão horrível como descrita por Cícero: "Que até o próprio nome da cruz fique distante, não apenas do corpo de um cidadão romano, mas até mesmo de seus pensamentos, olhos e ouvidos."!

Jesus não foi apenas envergonhado diante das pessoas, mas também diante dos céus.

Tendo carregado o pecado do adultério e assassinato, Ele sentiu a vergonha destes atos. Embora nunca tenha mentido, Jesus carregou a desgraça de um mentiroso. Embora nunca tenha enganado, Ele sentiu o embaraço de um trapaceiro. Tendo uma vez carregado o pecado do mundo, Ele sentiu o pecado do mundo todo.

Não admira que o escritor aos Hebreus tenha citado: "levando o seu vitupério" (Hb 13.13).

Enquanto na cruz, Jesus sentiu a indignidade e a desgraça de um criminoso. Não, Ele não era culpado! Não cometeu qualquer pecado. E, não, Ele não merecia esta sentença. Mas você e eu éramos pecadores, cometemos pecados e merecíamos a sentença. Fomos colocados na mesma posição em que eu estava diante do maitre nada tendo a oferecer além de uma prece. No entanto,

Jesus, foi além do maitre. Você pode imaginar o anfitrião do restaurante tirando seu paletó e oferecendo-o a mim?

Jesus faz isto. Não estamos falando sobre um paletó menor do que o seu tamanho e esquecido. Ele oferece um manto de pureza sem costura, trocando meu malfeito paletó de orgulho, ganância e egoísmo. "Cristo nos resgatou da maldição da lei, fazendo-se maldição por nós" (GI3.13). Ele vestiu nossos pecados para que pudéssemos vestir sua justiça.

Embora nos cheguemos à cruz vestidos do pecado, saímos da presença dela diferentes, pois Ele nos "revestiu de justiça"(Is 59.17), e "a justiça será o cinto dos seus lombos, e a verdade, o cinto dos seus rins" (Is 11.5), e fomos vestidos de "vestes de salvação" (Is 61.10).

Na verdade, saímos vestidos do próprio Cristo: "já vos revestistes de Cristo" (GI 3.27).

Não era suficiente para Ele preparar um banquete para você.

Não era suficiente para Ele apenas reservar um assento.

Não era suficiente para Ele cobrir os custos e prover um transporte até o banquete.

Ele fez algo mais. Permitiu que você colocasse suas próprias vestes para te vestir corretamente.

Ele fez isto... por você.

9. "Convido-te para Entrar em minha Presença"

A Promessa de Deus através dos Espinhos na Carne

> Tendo, pois, irmãos, ousadia para entrar no Santuário, pelo sangue de Jesus, pelo novo e vivo caminho que ele nos consagrou, pelo véu, isto é, pela sua carne. HEBREUS 10.20

> Porque, por ele, ambos temos acesso ao Pai em um mesmo Espírito. EFÉSIOS 2.18

> Cheguemos, pois, com confiança ao trono da graça, para que possamos alcançar misericórdia e achar graça, a fim de sermos ajudados em tempo oportuno.
> HEBREUS 4.16

Imagine uma pessoa em frente à Casa Branca. Ainda melhor, imagine você mesmo em frente à Casa Branca.

É, você na calçada, olhando através da grade, sobre a grama, a casa do presidente dos Estados Unidos. É você — em plena forma — cabelos penteados e sapatos encerados, entrando pelos portões. Seu passo é firme e os passos largos. Deveriam ser. Você veio para encontrar-se com o presidente.

Existem alguns assuntos a discutir com ele.

Primeiro, há um hidrante bem em frente à porta de sua casa. Será que daria para amenizar um pouquinho o vermelho dele? É muito berrante.

Então vem a questão da paz mundial. Você é a favor — seria possível?

E, por último, a mensalidade da faculdade do seu filho está muito cara. Será que ele poderia ligar para lá e pedir um desconto? Ele deve ter alguma influência.

Todas questões importantes, certo? Não tomariam mais do que poucos minutos. Além do mais, você trouxe alguns biscoitos para ele dividir com a primeira dama e o primeiro cãozinho. Então, com a pasta na mão e um sorriso nos lábios, você adentra os portões e anuncia ao guarda:

— Eu gostaria de ver o presidente, por favor.

Então o seu nome é requerido. Ele olha a lista, volta-se para você e diz: - Não existe registro sobre a sua visita.

— É preciso marcar visita?

— Sim.

— Como consigo uma?

— Através do escritório dele.

— Qual o número deles?

— Não posso dar, é restrito.

— Então como entrar?

— É melhor esperar que eles te chamem.

— Mas eles não me conhecem!

O guarda dá de ombros.

— Então provavelmente não ligarão.

Você vai embora e começa sua jornada para casa. Suas perguntas ficam sem resposta e as necessidades sem atendimento.

E pensar que estava tão perto! Se o presidente saísse até o gramado, você poderia ter acenado, e ele respondido. Eram apenas alguns metros até a porta da frente... mas a distância era também quilométrica. Vocês dois estavam separados por uma grade e um guarda.

Então vem o problema do Serviço Secreto. Caso conseguisse entrar, eles o teriam impedido. Os funcionários teriam feito o mesmo. Haveria muitas barreiras.

E quanto às barreiras invisíveis? Barreiras do tempo (o presidente está muito ocupado), barreira do status (você não tem influência) e barreiras do protocolo (é preciso utilizar os canais certos). Assim, você sai da Casa Branca com nada mais do que uma dura lição aprendida. Não há acesso ao presidente. Sua conversa com o comando? Não acontecerá. Seus problemas sobre a paz e a solicitação sobre o hidrante continuam com você.

Quer dizer, a menos que ele tome a iniciativa. A menos que ele aponte para você na calçada, tenha pena de sua petição e diga ao chefe da guarda: "Vê aquela pessoa com o saco de biscoitos? Diga a ele que quero falar-lhe por um minuto".

Se este comando for dado, todas as barreiras cairão. O Salão Oval chamará o chefe da segurança. O chefe da segurança chamará o guarda, que por sua vez chamará a você: "Sabe de uma coisa? Não sei como explicar, mas as portas do Salão Oval estão abertas".

Você pára, endireita os ombros e entra pelo mesmo portão onde, minutos antes, lhe fora negado o acesso. O guarda é o mesmo, mas a situação é diferente. Agora lhe é permitido entrar onde antes lhe fora proibido.

E, ainda melhor, você não é mais o mesmo. Sente-se especial, escolhido. Por quê? Porque o homem lá de cima o viu aqui em baixo e permitiu que você entrasse.

É, é isto mesmo. É uma história de fantasia. Você e eu sabemos que, quanto ao presidente, não haverá convites. Mas quanto a Deus, apanhe seus biscoitos e entre, pois já foi convidado.

Ele apontou para você. Ele já te ouviu e já te convidou. O que uma vez o separou já foi removido: "Mas, agora, em Cristo Jesus, vós, que antes estáveis longe, já pelo sangue de Cristo chegastes perto" (Ef 2.13), Nada pode estar entre você e Deus a não ser uma porta aberta.

Mas como pode ser isto? Se não conseguimos chegar perto do presidente, quanto mais uma audiência com Deus? Como pode ser? Em uma palavra, alguém abriu as cortinas. Alguém rasgou o véu. Algo aconteceu na morte de Cristo que abriu as portas para você e para mim. E este algo é descrito pelo escritor aos Hebreus.

> Tendo, pois, irmãos, ousadia para entrar no Santuário, pelo sangue de Jesus, pelo novo e vivo caminho que ele nos consagrou, pelo véu, isto é, pela sua carne (Hb 10.19-20).

Para os cristãos primitivos, aquelas palavras finais foram explosivas: "pelo véu, isto é, pela sua carne". De acordo com o escritor, o véu é igualado à carne de Jesus. Por conseguinte, o que quer que tenha acontecido à carne de Jesus aconteceu também ao véu. O que aconteceu a sua carne? Foi rasgada. Rasgada pelos chicotes, rasgada pelos espinhos. Rasgada pelo peso da cruz e pela ponta dos cravos. Mas no horror de sua carne rasgada, encontramos o esplendor da porta aberta.

> "E Jesus, clamando outra vez com grande voz, entregou o espírito. E eis que o véu do templo se rasgou em dois, de alto a baixo; e tremeu a terra, e fenderam-se as pedras" (Mt 27.50-51).

O véu do templo que ficava diante do santuário, você se lembrará, era a parte do templo onde ninguém podia entrar. Os

adoradores judeus tinham acesso ao átrio externo, mas apenas ao sacerdote era permitido entrar no santuário. E ninguém, exceto o sumo sacerdote em um dia do ano, podia lá entrar. Ninguém. Por quê? Porque a glória de shekinah —a glória de Deus — estava presente naquele local.

Se tivessem dito que a entrada no Salão Oval da Casa Branca era livre, você teria balançado a cabeça e dito: "você deve estar louco, colega". Multiplique sua descrença por mil, e terá uma idéia de como se sentiria um judeu caso alguém dissesse que ele poderia entrar no Santo dos Santos.

Ninguém além do sumo sacerdote podia entrar no Santuário.

Ninguém. Fazer isto significava a morte. Dois dos filhos de Arão morreram ao entrar no lugar do Santo dos Santos para oferecer sacrifícios ao Senhor (Lv 16.1-2). Em outros termos, o véu declarou:

"Até aqui. Não mais do que isto".

Qual seria a mensagem que um véu de 1.500 anos do santuário poderia comunicar? Simples. Deus é Santo... Separado de nós e inacessível. Até mesmo Moisés ouviu: "Não poderás ver a minha face, porquanto homem nenhum verá a minha face e viverá" (Êx 33.20). Deus é Santo, nós, pecadores, e esta é a distância entre nós.

Não é este o nosso problema? Sabemos que Deus é bom. Sabemos que nós não somos bons, e nos sentimos distantes de Deus. Fazemos nossas as antigas palavras de Jó: "Não há entre nós árbitro que ponha a mão sobre nós ambos" (Jó 9.33).

Mas há! Jesus não nos deixou com um Deus inacessível. Sim, somos pecadores. Mas, sim, sim, sim, Jesus é o nosso mediador. "Porque há um só Deus e um só mediador entre Deus e os homens, Jesus Cristo" (1 Tm 2.5). Não é apenas um mediador que "fica entre"? Não foi Jesus o véu entre nós e Deus? Não foi sua carne rasgada?

O que parecia ser a crueldade do homem era, na verdade, a soberania de Deus. Mateus nos diz: "E Jesus, clamando outra vez com grande voz, entregou o espírito. E eis que o véu do templo se rasgou em dois, de alto a baixo; e tremeu a terra, e fenderam-se as pedras" (Mt 27.50-51).

É como se as mãos dos céus tivessem segurado o véu, aguardando este momento. Tenha em mente o tamanho do véu — dezoito metros de altura por nove metros de largura.! Em um momento ele estava inteiro; no outro foi rasgado em dois, de alto a baixo. Sem demora. Sem hesitação.

Qual o significado do véu rasgado? Para os judeus significava o fim das barreiras entre eles e o santuário. Era o fim dos sacerdotes entre Deus e eles. O fim do sacrifício de animais para a expiação dos pecados.

E para nós? O que este ato significa para nós?

Somos convidados para entrar na presença de Deus - qualquer dia, a qualquer momento. Deus removeu as barreiras que nos separavam dEle. A barreira do pecado? Caiu. Ele removeu o véu.

Mas a nossa tendência é levantar barreiras. Embora o véu não mais exista, há um véu em nosso coração. Assim como os ponteiros do relógio são os enganos do coração. E, algumas vezes, não, sempre, permitimos que estes enganos nos separem de Deus. Nossa consciência de culpa torna-se o véu que nos separa de Deus.

Como resultado nos escondemos de nosso Mestre.

É exatamente isto que faz o meu cão, Salty. Ele sabe que não pode mexer no lixo. Mas deixe a casa sem a presença de humanos e o lado obscuro de Salty vem à tona. Se houver comida na lata do lixo, a tentação é muito grande. Ele a encontra e faz a festa.

Foi o que ele fez dia destes. Quando cheguei a casa, não consegui encontrá-lo. Vi a lata caída, mas não achei o Salty. A princípio fiquei louco de raiva, mas superei. Se eu tivesse apenas ração de cachorro para me alimentar durante todo o dia, talvez esquadrinhasse o local para conseguir algo diferente. Limpei a bagunça, prossegui o meu dia e esqueci o assunto.

Mas Salty não. Ele manteve distância. Quando finalmente o vi, seu rabo estava entre as pernas, e suas orelhas caídas. Então percebi, "ele pensa que estou bravo. Não sabe que já superei seu erro".

Posso estabelecer a aplicação óbvia? Deus não está bravo com você. Ele já perdoou seu engano.

Em algum lugar, em algum momento, e de alguma forma você foi apanhado no lixo, e tem evitado Deus. Você permitiu que o véu da culpa fosse colocado entre você e seu Pai. Fica pensando se um dia se sentirá perto de Deus novamente. A mensagem da carne rasgada é: você pode. Você é bem-vindo para Deus. Deus não está te evitando. Deus não está resistindo a você. O véu foi rasgado, a porta aberta, e Deus o está convidando.

Não confie em sua consciência. Confie na cruz. O sangue foi derramado e o véu rasgado. Você é bem-vindo à presença de Deus. E nem precisa trazer biscoitos.

10. "Eu Compreendo a sua Dor"

A Promessa de Deus através da Esponja Embebida em Vinagre

Bendito seja o Deus e Pai de nosso Senhor Jesus Cristo, o Pai das misericórdias e o Deus de toda consolação, que nos consola em toda a nossa tribulação, para que também possamos consolar os que estiverem em alguma tribulação, com a consolação com que nós mesmos somos consolados de Deus. Porque, como as aflições de Cristo são abundantes em nós, assim também a nossa consolação sobeja por meio de Cristo. 2 CORÍNTIOS 1.3-5

Exultai, ó céus, e alegra-te tu, terra, e vós, montes, estalai de júbilo, porque o SENHOR consolou o seu povo e dos seus aflitos se compadecerá. ISAÍAS 49.13

Porque não temos um sumo sacerdote que não possa compadecer-se das nossas fraquezas; porém um que, como nós, em tudo foi tentado, mas sem pecado. HEBREUS 4.15

Jesus chorou. JOÃO 11.35

Já tentou convencer um rato a não se preocupar' Já teve sucesso ao apaziguar o pânico de um roedor? Em caso afirmativo, você é mais sábio do que eu. Minhas tentativas não foram bemsucedidas. Minhas palavras de conforto caíram em ouvidos surdos.

Não que o camarada merecesse qualquer bondade, imagine você.

Por causa dele, Denalyn ficou histérica. Por causa do grito, a garagem tremeu. Por que a garagem tremeu, fui arrancado da terra dos sonhos e da minha poltrona e impelido a defender minha esposa e meu país. Fiquei orgulhoso. Com os ombros levantados, marchei para a garagem.

O rato não teve chance. Eu sei jiu-jitsu, caratê, tae-kwon-do e várias outras... hum, frases. Já assisti até a comerciais de autodefesa. Este rato havia encontrado seu par.

Além do mais, ele estava preso em uma lata de lixo vazia. Como entrou lá, só Deus sabe. Eu sei, porque perguntei a ele. Sua única resposta foi uma corrida louca em torno da base da lata de lixo. O pobre coitado estava apavorado. E quem não estaria? Imagine, estar preso em um container de plástico, olhar para cima e ver um grande (embora belo) rosto humano. Seria suficiente para desistir de seu queijo.

— O que vai fazer com ele? — perguntou Denalyn, apertando meu braço.

— Não se preocupe, querida — respondi com tal presunção capaz de fazê-la desmaiar e amedrontar John Wayne. — Vou ser bonzinho com este camarada.

Então saímos, o rato, a lata de lixo e eu, marchando por um beco sem saída até um local vazio.

— Fique comigo, pequeno, daqui a pouco vou levar você para casa — ele não ouviu.

Você pensaria que estávamos caminhando para o corredor da morte. Se eu não houvesse tampado a lata, o furioso rato teria pulado para fora.

— Não vou machucar você — expliquei. — Vou te soltar. Você se meteu em encrenca; vou te ajudar a sair.

Ele não se acalmou. Tampouco parou. Na verdade, ele não confiou em mim. Mesmo no último momento, quando virei a tampa no chão e o libertei, ele virou-se para agradecer? Quem sabe convidou-me para visitar sua casinha de rato e tomar um lanche? Não. Ele apenas correu. (Será que foi minha imaginação ou eu o ouvi gritar: "Para trás, para trás! Max, o inimigo dos ratos, está aqui"?)

Honestamente. O que eu teria de fazer para ganhar a sua confiança? Aprender a falar ratoês, ter bigodes de rato e rabo longo? Entrar na lata de lixo com ele? Não, obrigado! Quero dizer, o rato era bonitinho e tudo mais, mas não valia tudo isto.

Aparentemente você e eu valemos.

Você acha absurdo que um homem se transforme em rato? O trajeto entre a nossa casa e a lata de lixo é muito menor do que o do céu para a terra. Mas Jesus o fez. Por quê?

Porque Ele quer que confiemos nEle.

Junte-se a mim neste pensamento. Por que Jesus viveu na terra durante todos aqueles anos? A sua vida não poderia ter sido muito menor? Por que não pisar em nosso mundo o tempo suficiente para morrer por nossos pecados e então partir? Por que não um ano ou uma semana sem pecado? Por que teve Ele de viver uma vida? Carregar os nossos pecados é uma coisa, mas suportar nossas queimaduras de sol, a garganta seca? Para provar a morte, sim - mas suportar a vida? Suportar longas viagens, longos dias e temperamentos rudes? Por que Ele fez isto?

Porque Ele quer a sua confiança.

Mesmo sua atitude final na terra tencionava ganhar sua confiança.

Depois, sabendo Jesus que já todas as coisas estavam terminadas, para que a Escritura se cumprisse, disse: Tenho sede. Estava, pois, ali um vaso cheio de vinagre. E encheram de vinagre uma esponja e, pondo-a num hissopo, lha chegaram à boca. E, quando Jesus tomou o vinagre, disse: Está consumado. E, inclinando a cabeça, entregou o espírito 00 19.28).

Este foi o ato final da vida de Jesus. Na conclusão de sua vida terrena, ouvimos o som de um homem sedento.

E, através de sua sede — através da esponja e do vaso cheio de vinagre — Ele faz seu apelo final.

"Você pode confiar em mim. "

Jesus. Lábios rachados, garganta tão seca que não podia engolir e a voz tão rouca que mal podia falar. Ele tinha sede. Para saber a última vez em que estes lábios foram molhados, é necessário voltar doze horas até a refeição. Desde o gole naquela taça de vinho, Jesus havia sido cuspido, cortado, humilhado e açoitado. Ele havia carregado a cruz e suportado pecados, sem beber qualquer líquido para aliviar sua garganta. Ele estava com sede.

Então por que não fez algo sobre isto? Será que não podia? Não transformou Ele água em vinho? Não fez uma parede do rio Jordão e duas paredes das águas do mar Vermelho? Ele não cessou a tempestade e acalmou as ondas? Não dizem as Escrituras a respeito dEle: "Converte o deserto em lagos" (Sl 107.35) e "converteu o rochedo em lago de águas" (Sl 114.8)?

Não disse Deus: "Porque derramarei água sobre o sedento" (Is 44.3)? Então, por que Jesus suportou a sede?

Enquanto fazemos esta pergunta, adicionemos algumas outras.

Por que Ele ficou cansado em Samaria (João 4.6), perturbado em Nazaré (Mc 6.6), e furioso no templo (João 2.15)? Por que dormiu no barco do mar da Galiléia (Mc 4.38), ficou triste no túmulo de Lázaro (João 11.35), e teve fome no deserto (Mt 4.2)?

Por quê? E por que Ele teve sede na cruz?

Ele não precisava ter sede. Não, pelo menos, no nível que teve. Seis horas antes lhe haviam oferecido algo para beber, mas Ele recusou.

E levaram-no ao lugar do Gólgota, que se traduz por lugar da Caveira. E deram-lhe a beber vinho com mirra, mas ele não o tomou. E, havendo-o crucificado, repartiram as suas vestes, lançando sobre eles sortes, para saber o que cada um levaria (Mc 15.22-24).

Antes de o cravo ser pregado, foi-lhe oferecido uma bebida. Marcos diz que o vinho estava misturado com mirra. Mateus o descreve como vinagre com fel. Ambos, mirra e fel, contêm propriedades sedativas que amortecem os sentidos. Mas Jesus recusou. Ele recusou-se a ser sedado pelas drogas, optando, ao invés disto, por sentir a força total de seu sofrimento.

Por quê? Por que Ele suportou todos estes sentimentos? Porque Ele sabia que você também os sentiria.

Ele sabia que você sentiria cansaço, perturbação, sono, fome e raiva. Ele sabia que você sentiria dor. Se não dor corporal, a dor da alma... Dor muito aguda para qualquer droga. Ele sabia que você sentiria sede. Não só de água, mas sede da verdade, e a verdade que salta da imagem de um Cristo sedento é: Ele compreende.

E por Ele compreender, podemos nos chegar a Ele.

Não poderia a falta desta compreensão nos afastar dEle? A falta de compreensão não nos afasta das pessoas? Suponha que você esteja passando por dificuldades financeiras. É preciso alguma direção de um simpático amigo. Você pediria conselho ao filho de um milionário? (Lembre-se que você vai pedir conselho, não empréstimo.) Você consultaria uma pessoa que herdou uma fortuna? Provavelmente não. Por quê? Ele não entenderia. Ele nunca passou por esta situação, assim, não sabe o que você está sentindo.

Jesus, por sua vez, sabe e pode. Ele já passou pela mesma situação e sabe como você se sente. E, caso a vida dEle na terra não convença, sua morte na cruz deveria. Ele entende o que você está passando. osso Senhor não nos padroniza ou zomba de nós. Ele responde "generosamente a todos dando sabedoria" (Tg 1.5). Como Ele pode fazer isto? Ninguém esclareceu mais o assunto do que o autor da carta aos Hebreus:

Porque não temos um sumo sacerdote que não possa compadecer-se das nossas fraquezas; porém um que, como nós, em tudo foi tentado, mas sem pecado. Cheguemos, pois, com confiança ao trono da graça, para que possamos alcançar misericórdia e achar graça, a fim de sermos ajudados em tempo oportuno (Hb 4.15-16)

Por que a garganta do céu foi ferida? Para que soubéssemos que Ele compreende; para que todos aqueles que lutam ouvissem este convite: "Você pode confiar em mim".

A palavra confiança não aparece na passagem sobre o vinagre e a esponja, mas encontramos uma frase que torna mais fácil a confiança. Veja a sentença que antecede à declaração de sede: "Depois, sabendo Jesus que já todas as coisas estavam terminadas, para que a Escritura se cumprisse, disse: Tenho sede" (Jo 19.28). este versículo, João nos dá o motivo por trás das palavras de Jesus. Nosso Senhor estava preocupado com o cumprimento das Escrituras. Na verdade, o cumprimento das Escrituras é um tema recorrente na paixão.

Considere a lista:

A traição de Jesus por Judas ocorreu "para que se cumpra a Escritura" (Jo 13.18; leia Jo 17.12).

A disputa pelas vestes aconteceu "para que se cumprisse a Escritura, que diz: Dividiram entre si as minhas vestes e sobre a minha túnica lançaram sortes" (Jo 19.24).

As pernas de Jesus não foram quebradas "para que se cumprisse a Escritura, que diz: Nenhum dos seus ossos será quebrado" (Jo 19.36).

O lado de Jesus foi traspassado para cumprir a passagem que diz: "Verão aquele que traspassaram" (Jo 19.37).

João diz que os discípulos ficaram atônitos ao ver o túmulo vazio "porque ainda não sabiam a Escritura, que diz que era necessário que ressuscitasse dos mortos" (Jo 20.9).

Por que recorrer às referências bíblicas? Por que, em seus momentos finais, Jesus estava determinado a cumprir as profecias? Ele sabia que duvidaríamos. Ele sabia que questionaríamos. E, não querendo que nossas mentes mantivessem seu amor distante de nossos corações, Ele utilizou seus momentos finais para oferecer a prova de que Ele era o Messias. Ele sistematicamente cumpriu as profecias do Antigo Testamento.

Cada importante detalhe da grande tragédia foi escrito antecipadamente:

• a traição por um amigo da família (Sl 41.9)

• os discípulos que o abandonaram por terem se sentido ofendidos (5131.11)

• a falsa acusação (Sl 35.11)

• o silêncio diante de seus juízes (Is 53.7)

• a sua inocência provada (Is 53.9)

• a inclusão entre os pecadores (Is 53.12)

• a crucificação (Sl 22.16)

• o escárnio dos espectadores (Sl 109.25)

• o insulto do descrédito (Sl 22.7-8)

• a disputa por suas vestes (Sl 22.18)

• a oração por seus inimigos (Is 53.12)

• o desamparo de Deus (Sl 22.1)

• a entrega de seu espírito nas mãos do Pai (Sl 31.5)

• os ossos não quebrados (Sl 34.20)

• o enterro na sepultura do homem rico (Is 53.9)

Você sabia que durante sua vida Jesus cumpriu 332 profecias diferentes do Antigo Testamento? Quais são as possibilidades matemáticas para que todas estas profecias sejam cumpridas na vida de um homem?

840.000.000.000.000.000.000.000.000.000.000.000.000.000
.000.000.000.000.000.000.000.000.000.000.000.000.000.000
.000.000.000.000

(São noventa e sete zeros!)[1] Incrível!

Por que Jesus declarou sua sede na cruz? Para colocar uma tábua a mais na rija ponte sobre a qual um incrédulo possa passar.[2] Sua confissão de sede é um sinal para todos os que o buscam — Ele é o Messias.

Seu ato final, então, é uma forte mensagem para os cautelosos:

"Você pode confiar em mim".

Não precisamos confiar em alguém? E este alguém não precisa ser maior do que nós? Não estamos cansados de esperar que as pessoas desta terra nos compreendam? Não estamos cansados de buscar forças nas coisas do mundo? Um marinheiro que está se afogando não pede ajuda a outro marinheiro que também está se afogando. Um prisioneiro não pede que outro prisioneiro o liberte. Um mendigo sabe que não deve pedir a outro mendigo. Ele sabe que precisa receber de alguém mais forte do que ele. A mensagem de Jesus através da esponja embebida em vinagre é esta: Eu sou esta pessoa. Confie em mim.

11. "Eu te Redimi e te Sustentarei"

A Promessa de Deus através do Sangue e da Água

Mas este, havendo oferecido um único sacrifício pelos pecados, está assentado para sempre à destra de Deus, daqui em diante esperando até que os seus inimigos sejam postos por escabelo de seus pés. HEBREUS 10.12,14

Nisto está a caridade: não em que nós tenhamos amado a Deus, mas em que ele nos amou e enviou seu Filho para propiciação pelos nossos pecados. 1 JOÃO 4.10

Nossa posição é que podemos ser resgatados da morte eterna e transladados para a vida apenas através de total e incessante substituição, a substituição que o próprio Deus se compromete em fazer a nosso favor. KARL BARTH

Ainda que o trabalho de Cristo tenha se completado para o pecador, ele ainda não se completou no pecador. DONALD G. BLOESCH

Esta semana, meu nome esteve na seção de esportes. Era necessário procurar muito, mas estava lá, no meio do jornal, na parte inferior da página, na matéria sobre o início do torneio de golfe do Texas, ali estava o meu nome. Com todas as letras.

Era a primeira vez para mim. Meu nome já havia aparecido em outras partes do jornal por vários motivos, alguns pelos quais me orgulho, outros não. Mas esta era minha primeira vez na seção de esportes. Passaram-se quarenta anos, mas finalmente consegui.

Era também meu primeiro prêmio nos esportes. Quase consegui um no tempo do colégio, quando fui o sétimo colocado. Mas apenas os seis primeiros foram premiados, então perdi. Recebi alguns outros prêmios ao longo do caminho, mas nenhum sobre esportes. Até ontem. Meu primeiro prêmio em esportes.

Eis o que aconteceu. Meu amigo Buddy é o diretor do clube de golfe, a sede do campeonato do Texas.

Ele perguntou se eu gostaria de jogar no torneio anual. Pensei durante três segundos e aceitei.

O formato do campeonato é simples. Cada time é composto por um profissional e quatro amadores. A baixa pontuação dos amadores é registrada. Em outras palavras, até quando eu errava a tacada, caso um de meus parceiros acertassem, eu acertava. E foi exatamente o que aconteceu, em, vejamos, dezessete dos dezoito buracos.

Imagine a alegria de um jogo como este. Vejamos uma jogada típica onde minha participação foi muito menos significativa do que a de Buddy ou outro dentre nós. Adivinhe qual ponto foi registrado? O do que fez a melhor jogada! A tacada ruim de Max foi esquecida e a de Buddy lembrada. Dá para se acostumar com isto! Eu levei o crédito pelo bom trabalho de outra pessoa simplesmente pela virtude de fazer parte do seu time.

Não foi isto que Cristo fez por nós?

O que meu time fez por mim no domingo, o seu Senhor faz por você todos os dias da semana. Devido à atuação dEle, o seu dia é fechado com um placar perfeito. Não importa se as suas tacadas, ao invés de acertar os buracos, foram parar no meio das árvores ou dentro da água. O que importa é que você apareceu para jogar e juntou-se ao grupo certo. Neste caso, seu grupo é

muito forte; são você, o Pai, o Filho e o Espírito Santo. Não pode existir time melhor do que este.

O termo teológico para isto é santificação posicional. Definição simples: Você recebe um valor, não pelo que faz, mas pelas pessoas que estão com você.

Uma segunda palavra foi ilustrada naquele jogo de golfe. (Que tipo de mente é esta — encontrando teologia em um jogo de golfe?) Não apenas vemos o quadro da santificação posicional como também um retrato claro da santificação progressiva.

Lembra-se da minha contribuição? Acertei um dentre oito buracos. Quer saber quando acertei? No último buraco.

Embora tendo oferecido tão pouco, melhorei a cada tacada. Buddy continuou a dar-me as dicas e ser paciente até que finalmente dei minha contribuição. Melhorei progressivamente.

O prêmio foi dado por causa do ponto de Buddy. A melhora aconteceu devido à ajuda de Buddy.

A santificação posicional é obtida através do trabalho de Cristo por nós.

A santificação progressiva é obtida através do trabalho de Cristo em nós.

Ambos são dons de Deus.

> "Porque, com uma só oblação, aperfeiçoou para sempre os que são santificados" (Hb 10.14).

Percebe a combinação das palavras? "Aperfeiçoou" (santificação posicional) "os que são santificados" (santificação progressiva).

Santificação posicional e progressiva. O trabalho de Deus para nós e por nós. Negligencie o primeiro e o medo crescerá. Negligencie o segundo, e ficará preguiçoso. Ambos são essenciais e vistos misturados à sujeira ao pé da cruz de Cristo. Examinemos cada uma delas mais cuidadosamente.

O trabalho de Deus por nós.

Preste atenção à passagem. "Contudo, um dos soldados lhe furou o lado com uma lança, e logo saiu sangue e água" (Jo 19.34). Mesmo um estudante informal das Escrituras nota a ligação entre sangue e misericórdia. Voltando ao tempo do filho de Adão, os adoradores sabiam que "sem derramamento de sangue não há remissão" (Hb 9.22).

Como Abel sabia esta verdade ninguém consegue adivinhar, mas, de alguma forma ele sabia oferecer mais do que orações e sementes. Ele sabia oferecer vida. Ele sabia como derramar mais do que seu coração e seus desejos; ele sabia derramar sangue. Com um campo como templo e o chão como altar, Abel tornou-se o primeiro a fazer o que milhões viriam a imitar. Ele ofereceu sacrifício de sangue pelos pecados.

Os seguidores de uma grande lista: Abraão, Moisés, Gideão, Sansão, Saul, Davi... Eles sabiam que o derramamento de sangue era necessário para o perdão dos pecados. Jacó também sabia, e, em virtude disso, as pedras foram utilizadas para a construção do altar. Salomão sabia, e o templo foi construído. Arão sabia e, portanto, o pastorado teve início. Ageu e Zacarias sabiam; como resultado, o templo foi reconstruído.

Mas a linha termina na cruz. O que Abel buscou completar no campo, Deus realizou através de seu Filho. O que Abel iniciou, Cristo completou. Após seu sacrifício, não houve mais o sistema sacrificial, pois veio Cristo como "o sumo sacerdote dos bens futuros, por um maior e mais perfeito tabernáculo" (Hb 9.11).

Após o sacrifício, não houve mais necessidade de derramamento de sangue. Cristo, não "por sangue de bodes e bezerros, mas por seu próprio sangue, entrou uma vez no santuário, havendo efetuado uma eterna redenção" (Hb 9.12).

O Filho de Deus tornou-se o Cordeiro de Deus, a cruz tornou-se o altar, "e temos sido santificados pela oblação do corpo de Jesus Cristo, feita uma vez" (Hb 10.10).

O que precisava ser pago foi pago. O que precisava ser feito foi feito. Sangue inocente foi oferecido, de uma vez por todas. Grave estas cinco palavras em seu coração: De uma vez por todas.

Correndo o risco de parecer um professor primário, permita-me fazer uma pergunta primária. Se o sacrifício foi oferecido de uma vez por todas, é preciso oferecê-lo novamente?

É claro que não. Você foi santificado. Assim como as conquistas do meu time foram creditadas a mim, da mesma forma as conquistas do sangue de Jesus foram creditadas a nós.

E, assim como minhas habilidades melhoraram com a influência de um professor, sua vida pode melhorar na medida em que você se aproximar de Jesus. O trabalho para nós é completo, mas o trabalho progressivo em nós é contínuo.

Se este trabalho para nós é visto no sangue, o que poderia representar a água? Acertou.

Seu trabalho em nós.

Lembra-se das palavras de Jesus à mulher Samaritana?

"Mas aquele que beber da água que eu lhe der nunca terá sede, porque a água que eu lhe der se fará nele uma fonte de água a jorrar para a vida eterna" (Jo 4.14). Jesus oferece, não um único gole de água, mas um poço artesiano perpétuo! E o poço não é um braço em seu jardim, mas o Espírito de Deus em seu coração.

> Quem crê em mim, como diz a Escritura, rios de água viva correrão do seu ventre. E isso disse ele do Espírito, que haviam de receber os que nele cressem; porque o Espírito Santo ainda não fora dado, por ainda Jesus não ter sido glorificado (Jo 7.38-39).

A água, neste versículo, é um quadro do Espírito de Deus trabalhando em nós. Ele não está trabalhando para nos salvar. Saiba que este trabalho já foi feito. Eis como Paulo expressou isto:

> De sorte que, meus amados, assim como sempre obedecestes, não só na minha presença, mas muito mais agora na minha ausência, assim também operai a vossa salvação com temor e tremor; porque Deus é o que opera em vós tanto o querer como o efetuar, segundo a sua boa vontade (Fp 2.12-13).

Como resultado da salvação (o trabalho do sangue), o que fazemos? Obedecemos a Deus com profunda reverência e evitamos o que possa desagradar-lhe. Na prática, amamos nosso vizinho e

evitamos a fofoca. Evitamos a sonegação de impostos, a mentira para com o cônjuge, e fazemos o possível para amar as pessoas difíceis de serem amadas. Será que realmente fazemos isto com a finalidade de sermos salvos? Não. Há boas obras que são resultadas da salvação.

No casamento ocorre uma dinâmica similar. Ficam o noivo e a noiva mais casados do que no dia em que se casaram? Os votos são feitos e a certidão assinada — poderiam eles ficar mais casados do que isto?

Talvez sim. Imagine-os quinze anos depois. Quatro filhos. Umas três mudanças e muitos tormentos e vitórias. Após meio século de casamento, eles terminam as frases um do outro e escolhem os pratos um do outro. Eles até mesmo começam a ficar parecidos após um tempo (um pensamento que preocupa Denalyn profundamente). Não estariam eles mais casados em seu qüinquagésimo aniversário do que no dia do seu casamento?

Pensando por outro ângulo, como seriam eles? A certidão de casamento ainda nem envelheceu. Tecnicamente, eles não são mais unidos do que eram no dia em que deixaram o altar. Mas no relacionamento ambos são completamente diferentes.

O casamento é tanto um negócio fechado quanto um desenvolvimento diário, algo que você fez e ainda faz.

O mesmo acontece com nossa caminhada com Deus. Você pode ser mais salvo do que era no dia em que foi salvo? Não. Mas uma pessoa pode crescer na salvação. Certamente. Isto, assim como o casamento, é um negócio fechado e um desenvolvimento diário.

O sangue é o sacrifício de Deus por nós. A água é o Espírito de Deus em nós.

E precisamos de ambos. João tem uma preocupação muito grande em que saibamos disso. Não é suficiente saber o que foi revelado; precisamos saber como foi feito: "Contudo, um dos soldados lhe furou o lado com uma lança, e logo saiu sangue e água" (Jo 19.34). João não enfatiza um ou outro. Mas, ah, como sabemos.

Alguns aceitam o sangue, mas esquecem a água. Eles querem ser salvos, mas não transformados.

Outros aceitam a água, mas esquecem o sangue. Eles estão ocupados para Cristo, mas nunca tem paz em Cristo.

E quanto a você? Você tem tendência para um ou outro caminho? Você se sente tão salvo que nunca serve? Está tão alegre com a pontuação de seu time que nem quer sair do carrinho de golfe? Se esta é a sua situação, permita-me perguntar: Por que Deus o mantém na estrada? Por que Ele não o arrebatou no momento em que o salvou? O fato é, você e eu estamos aqui por um motivo, e este motivo é glorificar a Deus em nossa vida.

Ou é nossa tendência fazer o oposto? Talvez você o siga por medo de perder a salvação. Quem sabe falte confiança em seu time. Você teme que haja um cartão secreto no qual seus pontos sejam registrados. É esta a sua situação? Em caso afirmativo saiba disto: O sangue de Jesus é suficiente para salvar você.

Grave em seu coração as palavras de João Batista. Jesus é "o Cordeiro de Deus, que tira o pecado do mundo" (Jo 1.29). O sangue de Jesus não encobre, oculta, ameniza ou adia nossos pecados. Ele tira nossos pecados, definitivamente.

Jesus permite que nossos enganos sejam perdidos em sua perfeição. Enquanto nós, os quatro jogadores de golfe, estávamos posicionados para receber o prêmio, os únicos que conheciam a pobreza de minhas jogadas eram os meus colegas de time, e eles não contaram.

Quando você e eu estivermos no céu para receber nosso prêmio, apenas um conhecerá todos os nossos pecados, mas Ele não nos envergonhará — pois Ele já os perdoou.

Então, aproveite o jogo, meu amigo; seu prêmio é certo.

Mas você precisará pedir alguma ajuda ao seu Professor durante as jogadas.

12. "Para sempre te Amarei"

A PROMESSA DE DEUS ATRAVÉS DA CRUZ

Porque Deus amou o mundo de tal maneira que deu o seu Filho unigênito para que todo aquele que nele crê não pereça, mas tenha a vida eterna. JOÃO 3.16

Àquele que não conheceu pecado, o fez pecado por nós; para que, nele, fôssemos feitos justiça de Deus. 2 CORíNTIOS 5.21

Mas Deus prova o seu amor para conosco em que Cristo morreu por nós, sendo nós ainda pecadores. ROMANOS 5.8

Nisto está a caridade: não em que nós tenhamos amado a Deus, mas em que ele nos amou e enviou seu Filho para propiciação pelos nossos pecados. 1 JOÃO 4.10

As pessoas costumam perguntar sobre a pronúncia do meu sobrenome. Em inglês é Lu-Kay-do ou Lu-Ka-do? Cada um fala à sua maneira. Mas, só para registro, o certo é "Lu-KAY-do."

(É claro que podemos estar errados. Quando Billy Graham veio a San Antonio, referiu-se a mim como Lu-Ka-do. Imagino que se Billy Graham diz Lu-Ka-do, deve ser Lu-Ka-do.)

A confusão com nomes tem causado alguns momentos complicados. Um exemplo notável foi quando visitei o escritório de um dos membros de nossa igreja. Uma de suas colegas avistou-me. Ela havia estado em nossa igreja e lido alguns de meus livros.

— Max Lu-Ka-do! — exclamou ela. — Eu queria conhecer você. Parecia rude corrigi-la naquele momento, então apenas sorri e disse "olá", pensando ser este o fim da história. Mas era só o

início. Ela queria me apresentar a alguns amigos. Então, saímos corredor afora, e, a cada apresentação, vinha a pronúncia errada. "Sally, este é Max Lu-Ka-do." "Joe, este é Max Lu-Ka-do." "Bob, este é Max Lu-Ka-do." "Tom, este é Max Lu-Ka-do." Eu sorria e acenava discretamente com a cabeça, incapaz de manobrar a conversa para corrigi-la. Além do mais, após uma dúzia de vezes, chegamos a um ponto sem volta. Corrigi-la seria muito embaraçoso. Assim, fiquei de boca fechada.

Então fui pego. Encontrei um sujeito que finalmente a colocou em maus lençóis.

— Estou muito feliz em vê-lo — disse ele ao entrarmos em seu escritório.

— Minha mulher e eu visitamos o culto em sua igreja no último domingo, e saímos tentando imaginar como pronunciar seu nome. É Lu-Kay-do ou Lu-Ka-do?

Caí em uma armadilha. Se eu dissesse a verdade, ela ficaria sem graça. Se mentisse, ele seria mal-informado. Ela precisava de misericórdia e ele de esclarecimento. Eu queria ser agradável com ela e honesto com ele. Então menti. Pela primeira vez na vida respondi:

"Lu-Ka-do. O certo é Lu-Ka-do".[1]

Que meus ancestrais me perdoem. Mas era imprescindível. Porém o momento não estava sem seu valor redentor. A situação provê um vislumbre do caráter de Deus. Em uma escala infinitamente maior, Deus enfrenta com a humanidade o mesmo que enfrentei com aquela mulher. Como Ele pode ser bom e justo? Como Ele pode dispensar verdade e misericórdia? Como Ele consegue redimir o pecador sem endossar o pecado?

Pode um Deus santo negligenciar nossos erros? Pode um Deus bom punir nossos erros?

Do nosso ponto de vista existem apenas duas igualmente inapeláveis soluções. Mas sob a perspectiva dEle há uma terceira. Ela é chamada de "a Cruz de Cristo".

A cruz. Você consegue virar-se para qualquer direção sem ver uma?

Em igrejas, numa lápide do cemitério, gravada em um anel ou suspensa por uma corrente. A cruz é o símbolo universal do

Cristianismo. Uma opção singular, concorda? É estranho como um instrumento de tortura se transformou em um movimento de esperança. Os símbolos das outras religiões são mais otimistas: a estrela de Davi, com seis pontas, a lua crescente do islã, a flor de loto do budismo. E uma cruz para o Cristianismo? Um instrumento de execução?

Você usaria uma minúscula cadeira elétrica em volta do pescoço?

Penduraria na parede o chicote dourado do carrasco? Imprimiria a figura de um batalhão de fuzilamento em seu cartão de visitas? Mas nós fazemos isto com a cruz.

Por que a cruz é o símbolo de nossa fé? Para encontrar a resposta não é necessário olhar além da cruz. Seu desenho não poderia ser mais simples. Um traço horizontal — outro vertical. Um na diagonal — como o amor de Deus. O outro na vertical, para cima — como a santidade de Deus. Um representa a dimensão do seu amor; o outro reflete a altura de sua santidade. A cruz é a interseção. É onde Deus perdoou seus filhos sem descer seus padrões.

Como Ele pôde fazer isto? Em uma única sentença: Deus colocou nossos pecados sobre seu Filho e nEle os puniu. "Àquele que não conheceu pecado, o fez pecado por nós; para que, nele, fôssemos feitos justiça de Deus" (2 Co 5.21).

Uma segunda explicação: "Cristo nunca pecou! Mas Deus o tratou como pecador, para que Cristo nos fizesse aceitáveis para Deus".

Visualize o momento. Deus em seu trono. Você na terra. E, entre você e Deus, suspenso entre você e o céu, está Cristo na cruz. Seus pecados foram colocados sobre Jesus. Deus, que pune o pecado, derrama sua ira de justiça sobre os nossos erros. Jesus sofre esta ira. Uma vez que Cristo está entre você e Deus, você não é atingido, mas salvo — salvo à sombra da cruz.

Isto foi o que Deus fez, mas por quê? Por que Ele faria isto?

Dever moral? Obrigação celestial? Requisito paterno? Não. Deus não é obrigado a fazer coisa alguma.

Além do mais, pense no que Ele fez. Ele deu o seu Filho. Seu único Filho. Você faria isto? Você ofereceria a vida de seu filho por

alguém? Eu não. Há aqueles por quem eu ofereceria a minha vida. Mas peça que eu faça uma lista daqueles por quem eu entregaria a vida da minha filha. A folha ficaria em branco. Nem preciso de caneta. Não existem nomes na lista.

Mas a lista de Deus contém o nome de cada pessoa que já existiu. Pois esta é a amplitude do seu amor. E este é o motivo da cruz. Ele ama o mundo.

> "Porque Deus amou o mundo de tal maneira que deu o seu Filho unigênito" (João 3.16).

A viga central proclama tão corajosamente a santidade de Deus quanto a viga transversal declara a dimensão de seu amor.

Você não fica aliviado pelo versículo não ser assim: "Porque Deus "amou o rico..."?

Ou, "Porque Deus amou o famoso..."?

Ou, "Porque Deus amou o magro..."?

Tampouco ele afirma: "Porque Deus amou os europeus ou africanos... ", "o soberbo ou bem-sucedido... ", "o jovem ou o velho..." Não. Quando lemos João 3.16, simplesmente (e com alegria) lemos: "Porque Deus amou o mundo".

Qual a dimensão do amor de Deus? Grande o bastante para todo o mundo. Você está incluído no mundo? Então está incluído no amor de Deus.

É bom estar incluído. Não é sempre que isto acontece. As universidades o excluem se você não for esperto o suficiente. O mundo dos negócios o exclui se você não for qualificado e, infelizmente, algumas igrejas o excluem se você não for bom o suficiente.

Porém, apesar das possibilidades de exclusão, Cristo o inclui.

Quando indagado sobre a amplitude de seu amor, Ele esticou uma das mãos para a direita e outra para a esquerda, então as pregou nesta posição para demonstrar que Ele morreu amando você.

"Mas não há um limite? Certamente deve haver um fim para este amor" — você pode pensar. Mas Davi, o adúltero, nunca o encontrou. Paulo, o assassino, nunca o encontrou. Pedro, o mentiroso, nunca o encontrou. No que diz respeito à vida, todos chegaram ao fundo do poço. Mas quanto ao amor de Deus, seu fim nunca foi encontrado.

Eles, assim como você, encontraram seus nomes na lista do amor de Deus. E pode estar certo de que aquEle que escreveu os nomes sabe como pronunciá-los.

13. "Posso Transformar sua Tragédia em Triunfo"

A Promessa de Deus através das Vestes de Luto

> Mas, agora, ó SENHOR, tu és o nosso Pai; nós, o barro, e tu, o nosso oleiro; e todos nós, obra das tuas mãos. ISAÍAS 64.8

> Posso todas nas coisas naquele que me fortalece. FILIPENSES 4.13

> Eu me alegrarei e regozijarei na tua benignidade, pois consideraste a minha aflição; conheceste a minha alma nas angústias. E não me entregaste nas mãos do inimigo; puseste os meus pés num lugar espaçoso. SALMOS 31.7,8

> E o Deus de toda a graça, que em Cristo Jesus vos chamou à sua eterna glória, depois de haverdes padecido um pouco, ele mesmo vos aperfeiçoará, confirmará, fortificará e fortalecerá. 1 PEDRO 5.10

Que tal falarmos um pouco sobre o sudário? Parece divertido? Talvez um tópico animado? Dificilmente. Faça uma lista de assuntos deprimentes, e o sudário certamente fará parte deles.

Ninguém gosta deste assunto. Você já experimentou abordar a questão durante um bate-papo à mesa do jantar: "O que você está planejando vestir em seu caixão?" Já viu uma loja especializada em roupas para funeral? (Caso haja, tenho um slogan a sugerir: "Roupas lindas de morrer".)

A maioria das pessoas não discute sobre o sudário.

No entanto, o apóstolo João foi uma exceção. Pergunte-o e ele dirá como passou a ver as vestes de luto como símbolo de triunfo. Mas não foi sempre assim. Uma pequena lembrança da morte de seu melhor amigo, Jesus, e elas pareciam um símbolo de tragédia. Mas, no primeiro domingo de Páscoa, Deus transformou o sudário em símbolo de vida.

Poderia Ele fazer o mesmo por você?

Todos nós enfrentamos tragédias. Ou, o que é pior: todos temos recebido símbolos de tragédia. O seu pode ser um telegrama do departamento de guerra, um bracelete de identificação do hospital, uma cicatriz ou uma intimação judicial. Não gostamos destes símbolos, tampouco os desejamos. Como carros destruídos em um ferro-velho, eles enchem os nossos corações com lembranças de dias ruins.

Poderia Deus usar tais coisas para algo bom? Quão longe podemos chegar com versículos como este: "E sabemos que todas as coisas contribuem juntamente para o bem daqueles que amam a Deus, daqueles que são chamados por seu decreto" (Rm 8.28)? Será que "todas as coisas" incluem tumores, exames, cóleras e término? João diria que sim. João responderia que Deus pode transformar qualquer tragédia em triunfo, se você apenas esperar e assistir.

Para provar este ponto, ele citaria uma sexta-feira em particular.

> Depois disso, José de Arimatéia (o que era discípulo de Jesus, mas oculto, por medo dos judeus) rogou a Pilatos que lhe permitisse tirar o corpo de Jesus. E Pilatos lho permitiu. Então, foi e tirou o corpo de Jesus. E foi também Nicodemos (aquele que, anteriormente, se dirigira de noite a Jesus), levando quase cem libras de um composto de mirra e aloés.

> Tomaram, pois, o corpo de Jesus e o envolveram em lençóis com as especiarias, como os judeus costumam fazer na preparação para o sepulcro (Jo 19.38-40).

Relutantes durante a vida de Cristo, mas corajosos em sua morte, José e Nicodemos foram servir a Jesus. Eles foram enterrá-lo. Começaram a subir a colina carregando o sudário.

Pilatos havia dado a permissão.

José de Arimatéia havia dado o túmulo. Nicodemos havia trazido fragrâncias e linho.

João afirma que Nicodemos trouxe quase cem libras em mirra e aloés. A importância não está no valor, e sim no fato de tais essências serem tipicamente usadas apenas nos funerais dos reis. João também comenta sobre o linho, que, para ele, representava um quadro da tragédia de sexta-feira. Uma vez que não havia vestes de funeral, túmulo, tampouco médico-legista, havia esperança. Mas esta teve fim com a chegada do carro-funerário. E para este apóstolo, o sudário simbolizava tragédia.

Poderia ter havido tragédia maior para João do que a morte de Jesus? Três anos antes, João havia dado as costas para sua carreira e decidido seguir ao carpinteiro Nazareno. No início da semana, João havia participado da parada quando Jesus e seus discípulos entraram em Jerusalém. Oh, como as coisas haviam mudado rapidamente! As pessoas que o haviam chamado de Rei no domingo, pediram a sua morte na sexta-feira seguinte. Estes linhos eram um lembrete tangível de que seu amigo e seu futuro estavam envoltos em panos e trancados atrás de uma rocha.

Naquela sexta-feira João não sabia o que nós sabemos. Ele não sabia que a tragédia de sexta-feira seria o triunfo de domingo. João confessaria mais tarde: "ainda não sabiam a Escritura, que diz que era necessário que ressuscitasse dos mortos" (Jo 20.9).

É por isso que a sua atitude no sábado foi tão importante.

Nada sabemos sobre este dia; não existem passagens para ler, nenhum conhecimento a compartilhar. Tudo que sabemos é: Quando chegou o domingo, João ainda estava presente. Quando Maria Madalena veio procurá-lo, ela o encontrou.

Jesus estava morto. O corpo do Mestre estava sem vida. O amigo e o futuro de João estavam enterrados. Mas João não saiu de lá. Por quê? Estaria ele esperando pela ressurreição? Não. Pelo que ele sabia, os lábios haviam sido eternamente silenciados e as mãos eternamente paradas. Ele não estava à espera de uma surpresa no domingo. Então, por que ele estava lá?

O certo seria pensar que ele havia saído. Quem garantiria que o homem que crucificou a Jesus não viria atrás dele também? A multidão ficou satisfeita com a crucificação; os líderes religiosos poderiam ter pedido mais. Assim sendo, por que João não saiu da cidade?

Talvez a resposta fosse pragmática. Talvez ele estivesse tomando conta da mãe de Jesus. Quem sabe não tinha outro lugar para onde ir. São várias as possibilidades: falta de dinheiro, falta de disposição, falta de direção... ou todas as alternativas acima.

Talvez ele tenha ficado porque amava a Jesus.

Para alguns, Jesus era uma pessoa que fazia milagres. Para outros, Jesus era um mestre. Para outros tantos, Jesus era a esperança de Israel. Mas para João, Ele era tudo isto e muito mais. Para João, Jesus era um amigo.

Não se abandona um amigo — nem mesmo quando ele morre.

João ficou perto de Jesus. Era um hábito seu.

Ele esteve perto de Jesus no Cenáculo. Ele esteve perto de Jesus no Jardim do Getsêmani. Ele esteve aos pés da cruz durante a crucificação, e estava a alguns passos da sepultura durante o enterro.

Ele entendia a Jesus? Não.

Ele estava feliz com o que Jesus havia feito? Não. Mas ele abandonou a Jesus? Não.

E você? Quando se encontra na mesma posição de João, o que faz? Quando chega o sábado em sua vida, como você reage? Quando você se encontra entre a tragédia de ontem e o triunfo de amanhã, qual é o seu comportamento? Você abandona a Deus — ou permanece ao seu lado?

João escolheu permanecer. E, porque ele permaneceu no sábado, estava por perto no domingo para ver o milagre.

Maria disse: "Levaram o Senhor do sepulcro, e não sabemos onde o puseram."

Então, Pedro saiu com o outro discípulo e foram ao sepulcro. E os dois corriam juntos, mas o outro discípulo correu mais apressadamente do que Pedro e chegou primeiro ao sepulcro. E, abaixando-se, viu no chão os lençóis; todavia, não entrou. Chegou, pois, Simão Pedro, que o seguia, e entrou no sepulcro, e viu no chão os lençóis, e que o lenço, que tinha estado sobre a sua cabeça, não estava com os lençóis, mas enrolado, num lugar à parte.

Então, entrou também o outro discípulo, que chegara primeiro ao sepulcro, e viu, e creu (Jo 20.2-8).

No amanhecer daquele domingo Pedro e João receberam a notícia: "Levaram o corpo de Jesus!" Maria foi rápida, tanto em seu anúncio quanto em sua opinião. Ela pensou que os inimigos de Jesus haviam roubado o corpo. No mesmo instante os dois discípulos correram até o sepulcro, João ultrapassou Pedro e chegou primeiro. O que viu foi algo tão atordoante que o deixou estático à porta.

O que ele viu? "Os lençóis". Viu também que "o lenço que tinha estado sobre a sua cabeça, não estava com os lençóis, mas enrolado, num lugar à parte". Ele viu o "lenço enrolado".

O original grego proporciona uma útil percepção aqui. João emprega o termo "enrolado". [1] Este lenço do funeral não havia sido tirado da cabeça e lançado fora. Ele estava enrolado cuidadosamente em um lugar à parte.

Como era possível?

Se os amigos tivessem removido o corpo, não teriam levado também as vestes do funeral?

Se os inimigos tivessem roubado o corpo, não teriam feito o mesmo?

E, se por alguma razão, amigos ou inimigos tivessem desenrolado o corpo, teriam sido tão zelosos a ponto de dispor as vestes e o lenço de forma tão singular? É claro que não!

Mas, se nenhum amigo ou inimigo levou o corpo, então quem foi? Esta era a pergunta de João, e esta pergunta o leva à descoberta.

Ele "viu, e creu" (Jo 20.8).

Através dos trapos da morte, João viu o poder da vida. Não é estranho que Deus use algo triste como vestes de funeral para transformar uma vida?

Mas Deus é afeito a tais modos de agir:

Em suas mãos, jarros vazios de vinho tomaram-se símbolo de poder. A moeda de uma viúva tornou-se símbolo de generosidade. Uma simples manjedoura em Belém é seu símbolo de devoção. E um instrumento de morte é o símbolo de seu amor. Ficaríamos surpresos por Ele utilizar as vestes da morte como um símbolo da vida?

O que nos leva novamente à questão. Poderia Deus fazer algo similar em sua vida? Poderia Ele tornar o que hoje é uma tragédia em um símbolo de triunfo?

Ele fez isto pelo meu amigo Rafael Rosales. Rafael é pastor em El Salvador. Os guerrilheiros salvadorenhos o viam como inimigo de seu movimento e tentaram matá-lo. Deixado à morte dentro de um carro em chamas, Rafael escapou do carro e do país. Mas de suas lembranças não conseguia escapar. As cicatrizes não permitiam.

Cada olhada no espelho o fazia lembrar-se da crueldade sofrida.

"Eles fizeram o mesmo comigo", ouviu seu Salvador dizer. E, na medida em que Deus ministrava a Rafael, ele começou a ter uma visão diferente de suas cicatrizes. Ao invés de servirem como lembrança de sua dor, elas tornaram-se um quadro do sacrifício de seu Salvador. Só então ele pôde perdoar os seus carrascos. Na mesma semana em que escrevo estas palavras, ele está visitando seu país, procurando um local para abrir uma nova igreja.

Será que esta mudança poderia ocorrer em você? Não tenho dúvidas. Basta apenas fazer o mesmo que João. Não saia. Fique por perto.

Lembre-se da primeira metade do versículo. "E sabemos que todas as coisas contribuem juntamente para o bem daqueles que amam a Deus" (Rm 8.28).

Foi este o sentimento de João por Jesus. Ele o amou. Nem sempre o compreendeu ou concordou com Ele, mas o amou.

E, porque o amou, ficou perto dEle.

A Bíblia diz que "todas as coisas contribuem juntamente para o bem daqueles que amam a Deus". Antes de encerrarmos este capítulo, faça este exercício simples. Remova as palavras "todas as coisas" e coloque em seu lugar o símbolo da sua tragédia. Para o apóstolo João, o versículo poderia ser: "As vestes do funeral· contribuem para o bem daqueles que amam a Deus". Para Rafael seria: "As cicatrizes contribuem para o bem daqueles que amam a Deus."

Como poderíamos adaptar Romanos 8.28 à sua vida? A internação hospitalar contribui para o bem.

A sentença de prisão contribui para o bem.

Os papéis do divórcio contribuem para o bem.

Se Deus pôde mudar a vida de João através de uma tragédia, poderia também utilizar-se de uma tragédia para transformar a sua?

Por mais difícil que pareça, você pode estar a apenas um sábado da ressurreição, a algumas horas daquela preciosa oração de um coração transformado: "Senhor, fizeste isto por mim?"

14. "Eu Venci"

A Promessa de Deus através do Túmulo Vazio

E, despojando os principados e potestades, os expôs publicamente e deles triunfou em si mesmo. COLOSSENSES 2.15

Na primeira manhã de páscoa... o denso silêncio que separa o domínio dos mortos do mundo dos vivos foi subitamente rompido. GILBERT BILEZIKIAN

Mas graças a Deus, que nos dá a vitória por nosso Senhor Jesus Cristo. 1 CORÍNTIOS 15.57

E graças a Deus, que sempre nos faz triunfar em Cristo e, por meio de nós, manifesta em todo lugar o cheiro do seu conhecimento. 2 CORÍNTIOS 2.14

SEU NASCIMENTO

Palavras do rei Herodes sobre o nascimento de Jesus. "Mate-o. Há lugar apenas para um rei neste mundo."

Número de líderes religiosos que criam no nascimento do Messias em Belém. Zero.

O tipo de pessoas que acreditavam. Alguns reis magos, pastores que trabalhavam no turno da noite, e um jovem casal prestes a ter um bebê, sem nunca antes haverem tido contato sexual.

A recompensa dada a José e a Maria por terem trazido Deus ao mundo. Dois anos no exílio, aprendendo a língua egípcia.

Este foi o princípio do movimento cristão. (E estes foram anos calmos.)

SEU MINISTÉRIO

O comentário nas ruas da cidade natal de Jesus quando Ele declarou ter sido enviado por Deus. "Que família estranha. Você já viu o primo dEle?"

A reação dos amigos da cidade. "Apedreje-o."

A opinião de seus irmãos. "Tranque-o."

O número de discípulos recrutados por Jesus. Setenta.

O número de discípulos que o defenderam das autoridades. Zero.

A avaliação dos seguidores de Jesus encontrada na seção editorial em Jerusalém. "Um grupo de desempregados."

O número de leprosos, cegos e aleijados curados por Jesus. Incontáveis.

O número de leprosos, cegos e aleijados curados por Jesus que o defenderam no dia de sua morte. Zero.

SUA MORTE

A opinião popular sobre Jesus antes que Ele limpasse o templo. "Será que Ele vai se candidatar a algum cargo?"

A opinião popular sobre Jesus após Ele ter limpado o templo. "Vamos ver se Ele corre rápido."

A decisão do concílio judaico. Cravos e espinhos.

A conversa nas ruas de Jerusalém após a morte de Jesus. "Ele deveria ter permanecido no ramo da carpintaria."

O número de vezes que Jesus profetizou que ressuscitaria três dias após a sua morte. Três.

O número de apóstolos que ouviram a profecia. Todos.

O número de apóstolos que aguardaram junto ao túmulo para verificar se Ele cumpriria sua promessa. Zero.

O número de seguidores que acreditaram na ressurreição antes que ela ocorresse. Faça as contas.

As chances que um apostador teria dado um dia após a crucificação sobre a possibilidade do nome de Jesus ser conhecido no ano 2000. "Eu diria que há mais chance de que Ele ressuscite da morte."

SEU MOVIMENTO

A resposta oficial dos líderes judeus sobre os rumores da ressurreição. "É claro que eles dizem que Ele está vivo. O que mais poderiam dizer?"

A verdadeira resposta dos líderes judaicos para a ressurreição de Jesus. "e grande parte dos sacerdotes obedecia à fé" (At 6.7).

A decisão dos líderes judeus sobre a igreja. "Se este conselho ou esta obra é de homens, se desfará, mas, se é de Deus, não podereis desfazê-la" (At 5.38,39).

A resposta da igreja. Estava "crescendo o número dos discípulos" (At 6.1).

A resposta oficial dos líderes judeus sobre a conversão de Saulo. "Boa saída para um ex-fariseu. Dentro de alguns meses ele estaria preso, então o que faria? Escreveria cartas?"

O que Saulo, também conhecido como Paulo, compreendeu, que seus antigos colegas não compreenderam? "Deus deu (Jesus] como um caminho para perdoar os pecados" (Rm 3.25),

O MOVIMENTO CONTINUA

A crença do filósofo Voltaire. A Bíblia e o Cristianismo acabariam dentro de algumas centenas de anos. Ele morreu em 1778. O movimento continua.

O pronunciamento de Friedrich Nietzsche em 1882. "Deus está morto." O surgimento da ciência, cria ele, seria a destruição da fé. A ciência surgiu, o movimento continua.

Como o dicionário comunista definiu a Bíblia. "É uma coleção de lendas fanáticas sem qualquer suporte científico." O comunismo está diminuindo; o movimento continua.

A descoberta feita por qualquer pessoa que tenha tentado enterrar a fé. A mesma feita por todos os que tentaram enterrar seu Fundador: Ele não permaneceu no túmulo.

Os fatos. O movimento nunca foi tão forte. É incontável o número de cristãos.

A questão. Como explicamos isto? Jesus nunca escreveu um livro, nunca gerenciou um escritório. Nunca viajou mais do que 320 quilômetros distante de sua terra natal. Os amigos o abandonaram. Um o traiu. Os que Ele ajudou esqueceram-se dEle. Foi abandonado antes de sua morte. Mas após sua morte eles não puderam resisti-lo. O que fez esta diferença?

A resposta. Sua morte e ressurreição.

Porque quando Ele morreu, seus pecados também morreram.

Quando Ele ressuscitou, sua esperança também ressuscitou.

Porque quando Ele ressuscitou, seu túmulo foi transformado de residência final em pousada temporária.

O motivo por que Ele fez isto. O rosto que você vê no espelho.

O veredicto após dois milênios. Herodes estava certo: só há lugar apenas para um Rei.

15. "O que Você Deixaria aos Pés da Cruz?"

> Confia no SENHOR de todo o teu coração e não te estribes no teu próprio entendimento. Reconhece-o em todos os teus caminhos, e ele endireitará as tuas veredas. PROVÉRBIOS 3.5,6

> Lançando sobre ele toda a vossa ansiedade, porque ele tem cuidado de vós. 1 PEDRO 5.7

> Ninguém pode perceber com exatidão o poder da fé, a menos que a vivencie em seu próprio coração. JOÃO CALVINO

> Você mesmo, em sua própria consciência, precisa sentir o próprio Cristo.
>
> Você precisa ter convicção de que é a Palavra de Deus, mesmo que todo o mundo discorde.
>
> E, enquanto você não possuir este sentimento, certamente não terá ainda provado a Palavra de Deus. MARTINHO LUTERO

O monte está em silêncio. Não parado, mas em silêncio. Pela primeira vez durante todo o dia não há barulho. O clamor começou a acalmar quando a escuridão — aquela atordoante escuridão do meio-dia — dissipou-se. Como a água mergulha no fogo, as sombras mergulharam no ridículo. Cessaram os insultos. Cessaram as piadas. Acabaram os gracejos. E, nesta hora, não

havia mais escarnecedores. Um a um, os espectadores viraram-se e começaram a descer.

Isto é, todos menos você e eu. Nós permanecemos no local. Viemos para aprender. Então ficamos na semi-escuridão e prestamos atenção. Ouvimos os soldados amaldiçoando, os transeuntes questionando e as mulheres chorando. Porém, acima de tudo, ouvimos o gemido dos três homens que morreram. Gemidos roucos e sedentos. Eles gemiam a cada mínimo movimento da cabeça e do corpo.

No entanto, na medida em que os minutos se tornaram horas, estes gemidos diminuíram. Os três pareciam mortos. Não fosse pelo fio de respiração que ainda restava, poderíamos pensar que estivessem mortos.

Então veio o grito. Como se alguém tivesse puxado seus cabelos, sua nuca jogou o pescoço contra a inscrição com seu nome, e Ele gritou. Como a espada rasga a cortina, seu grito rasgou a escuridão. Em pé como os cravos permitiam, Ele gritou como quem grita por um amigo perdido: "Eloim!"

Sua voz estava rouca, ferida. Reflexos das chamas das tochas dançavam diante de seus olhos. "Deus Meu!"

Ignorando o vulcão das dores que surgiam, Ele endireitou os ombros até que ficassem acima de suas mãos pregadas. "Por que me desamparaste?"

Os soldados ficaram atônitos. O pranto das mulheres cessou. Um dos fariseus disse de forma sarcástica: "Ele está chamando por Elias". Ninguém riu.

Ele proferiu uma pergunta em direção ao céu, e talvez esperamos que o céu tenha mandado uma resposta.

Aparentemente, isto aconteceu. Porque o semblante de Jesus mudou e a luz da tarde cessou quando Ele pronunciou suas últimas palavras: "Está consumado. Pai, em suas mãos entrego o meu espírito".

Ao dar seu último suspiro, a terra moveu-se repentinamente. Uma rocha rolou, um soldado tropeçou. Então, subitamente, retomou o silêncio, assim como fora quebrado.

E agora tudo está quieto. Não há mais escárnio. Cessaram os gracejos. Não há mais a quem escarnecer.

Os soldados estão ocupados com o trabalho de retirar os mortos.

Então chegaram dois homens. Bem vestidos e com boa aparência, a eles é dado o corpo de Jesus.

E somos deixados com as relíquias de sua morte. Três cravos em uma caixa.

Sombras de três cruzes.

Uma coroa de espinhos com gotas de sangue.

Bizarro, não? E pensar que este sangue não é de um homem comum, mas o sangue de Deus?

Que loucura, não é? Pensar que estes cravos prenderam seus pecados em uma cruz?

Concorda que é um absurdo? Um patife fez uma oração e esta foi respondida? Ou mais absurdo ainda foi o outro patife não ter feito oração alguma?

Absurdo e ironia. O monte do Calvário nada mais é do que ambos.

Nós teríamos agido de outra forma. Pergunte-nos como Deus deveria redimir seu mundo e mostraremos! Cavalos brancos, espadas flamejantes. Deus em seu trono.

Mas Deus em uma cruz?

Deus na cruz, com os lábios rachados, olhos entreabertos e rosto ensangüentado?

Cuspiram em seu rosto! Furaram o seu lado! Lançaram sorte aos seus pés!

Não! Nunca teríamos escrito o drama da redenção desta forma.

Mas, novamente, não fomos consultados. Estes personagens e acontecimentos foram uma escolha celestial e ordenada por Deus. Não coube a nós designar o momento.

Mas fomos chamados para responder a isto. Para que a cruz de Cristo fosse a cruz da sua vida, você e eu precisamos trazer algo até o Calvário.

Vimos o que Jesus trouxe. Com cicatrizes em suas mãos, Ele ofereceu perdão. Através da carne traspassada Ele prometeu aceitação. Ele abriu o caminho para levar-nos ao lar. Ele vestiu nossas vestes para dar-nos as suas. Temos visto os presentes trazidos por Ele.

Então a pergunta: o que trouxemos?

Não nos é solicitado que carreguemos os cravos ou façamos os inscritos. Não nos é requerido que recebamos o cuspe ou coloquemos a coroa de espinhos sobre a nossa cabeça. Mas é nosso dever trilhar o caminho e deixar algo aos pés da cruz.

Certamente que não somos obrigados. Muitos não o fazem. Muitos têm feito o mesmo que nós: mentes melhores do que a nossa têm lido sobre a cruz; mentes mais sábias têm escrito sobre ela. Muitos têm ponderado sobre o que Cristo deixou, e poucos têm pensado no que nós precisamos deixar.

Posso adverti-lo a deixar alguma coisa aos pés da cruz? Pode-se observar a cruz e analisá-la. Pode-se ler sobre ela. Mas, até que algo seja deixado aos pés da cruz, você ainda não a abraçou.

Já vimos o que Cristo deixou. Você também não vai deixar algo?

Por que não começar com seus maus momentos?

Aqueles maus hábitos? Deixe-os aos pés da cruz. Seus modos egoístas e mentirinhas? Entregue-os a Deus. Suas farras e fanatismos? Deus os quer. Cada deslize, cada falha. Ele quer cada um. Por quê? Porque Ele sabe que não podemos viver com eles.

Eu cresci jogando futebol em um campo vazio perto da nossa casa. Muitas tardes de domingo foram passadas imitando Don Meredith ou Bob Hayes ou Johnny Unitas. (Não era preciso imitar Joe Namath. A maioria das meninas me achava parecido com ele.)

No Texas, os campos vazios são cheios de carrapichos. Carrapichos doem. Não dá para jogar futebol sem cair, e na parte oeste do Texas, não dá para cair e ficar ileso.

Lembro-me de inúmeras vezes em que fiquei com tantos espinhos que era necessária ajuda de fita adesiva para retirá-los. As crianças não confiam umas nas outras para tirar carrapichos. É preciso alguém com habilidade. Eu mancava até minha casa para

que meu pai pudesse grudar a fita adesiva, uma em cada doloroso espinho, e arrancá-los.

Eu não era muito esperto, mas de uma coisa sabia: Se quisesse voltar para o jogo, era preciso me livrar daqueles espinhos.

Cada erro na vida é como um carrapicho. A pessoa não consegue viver sem cair, e é impossível cair e ficar ileso. Mas, sabe de uma coisa? Nem sempre somos espertos como os jogadores de bola. Algumas vezes tentamos voltar para o jogo sem usar as fitas adesivas. É como se não desejássemos que as pessoas soubessem que caímos, e então fingimos que nada aconteceu. Conseqüentemente, vivemos em dor. Não conseguimos andar direito, dormir direito, descansar. E, ah, como ficamos suscetíveis.

É desejo de Deus que vivamos desta forma? Não! Leia a sua promessa: "E este será o meu concerto com eles, quando eu tirar os seus pecados" (Rm 11.27).

Deus faz mais do que perdoar nossos pecados. Ele os remove!

Precisamos apenas levá-los até Ele.

Ele não apenas quer os erros que já cometemos, mas também os que temos cometido! Você está cometendo algum erro? É este o seu caso? Tem bebido muito? Está sendo desonesto no trabalho ou traindo seu cônjuge? Tem administrado mal o seu dinheiro ou a sua vida?

Em caso afirmativo, não finja que está tudo bem. Não finja que não caiu. Não tente voltar para o jogo. Vá primeiro até Deus. O primeiro passo após a queda precisa ser em direção à cruz. "Se confessarmos os nossos pecados, ele é fiel e justo para nos perdoar os pecados e nos purificar de toda injustiça" (1 Jo 1.9).

O que você pode deixar aos pés da cruz? Comece com seus maus momentos. E, enquanto estiver lá, entregue a Deus os seus momentos enlouquecedores.

Você conhece a história do homem que foi mordido pelo cão?

Quando soube que o cachorro estava louco, passou então a escrever uma lista. O médico disse-lhe que não havia necessidade de fazer um testamento, pois a raiva tinha cura. "Ah, mas eu não estou fazendo o meu testamento", respondeu ele, "estou fazendo uma lista das pessoas que quero morder".

Não poderíamos todos nós fazer esta lista? Você já aprendeu que os amigos nem sempre são amigáveis? Vizinhos nem sempre são amáveis? Alguns funcionários nunca trabalham, e alguns chefes nem sempre são mandões?

Tenho certeza de que já aprendeu que uma promessa nem sempre é cumprida. Não é porque alguém tem o título de pai que agirá como tal. Mesmo embora os noivos tenham dito "sim", no altar, eles podem dizer "não" durante o casamento.

Você já aprendeu que sempre tentamos revidar, guardamos listas e resmungamos sobre as pessoas de que não gostamos?

Deus quer a sua lista. Ele inspirou seu servo a escrever sobre a caridade: "não se porta com indecência, não busca os seus interesses, não se irrita, não suspeita mal" (1 Co 13.5). Ele quer que abandonemos a lista aos pés da cruz.

Não é fácil.

"Mas e o que eles fizeram contra mim?", argumentamos e mostramos nossas mágoas.

"Apenas olhe para o que Eu fiz por você", lembra-nos Ele apontando para a cruz.

Paulo escreveu: "se algum tiver queixa contra outro; assim como Cristo vos perdoou, assim fazei vós também" (Cl 3.13).

Você e eu recebemos a ordem — não fomos advertidos, mas ordenados — a não guardar lista de pecados.

Além do mais, você realmente deseja guardar uma? Realmente quer catalogar todos os seus maus-tratos? Deseja realmente resmungar e ser agressivo durante toda a sua vida? Deus também não quer. Abandone seus pecados antes que eles contaminem você, e seu rancor, antes que eles o incitem. Entregue a Deus a sua ansiedade, antes que ela o iniba. Dê a Deus os seus momentos de ansiedade.

Certo homem disse a um psicólogo que suas ansiedades estavam lhe atrapalhando o sono. Algumas vezes ele sonhava ser uma casinha de cachorro; outras, uma tenda indígena. O psicólogo rapidamente analisou a situação e respondeu: "Sei qual é o seu problema. Você está muito tenso".

A maioria de nós está. Para nós, que somos pais, a situação é ainda pior. Minhas filhas chegaram à idade permitida para dirigir. Parece que foi ontem que eu as estava ensinando a andar, e agora elas estão atrás de um volante. É assustador. Estou pensando em fazer um adesivo especial para o carro de Jenna: "Como estou dirigindo? Ligue 0800-Papai".

O que fazer com estas preocupações? Leve suas ansiedades aos pés da cruz — literalmente. Da próxima vez que estiver preocupado com sua saúde, casa, finanças ou vôos, faça uma viagem mental até o Calvário. Passe algum tempo olhando para os instrumentos da paixão.

Passe o polegar sobre a ponta da lança. Sinta o espinho na palma de sua mão. E, ao fazer isto, toque nas vestes, molhadas com o sangue de Jesus.

Sangue que Ele derramou por você. A lança que o feriu por você.

Os cravos que Ele sentiu por você. O sinal que Ele deixou para você.

Ele fez tudo isto por você. Sabendo disso, conhecendo tudo o que fez por você, não acha que Ele cuidaria de sua vida aqui?

Ou, como escreveu Paulo: "Aquele que nem mesmo a seu próprio Filho poupou, antes, o entregou por todos nós, como nos não dará também com ele todas as coisas?" (Rm 8.32).

Faça um favor a você mesmo. Deixe seus momentos de ansiedade aos pés da cruz. Abandone-os lá, junto com seus maus momentos, seus momentos enlouquecedores e momentos de ansiedade. E, posso sugerir mais uma coisa? Seu momento final.

A menos que Cristo venha antes, você e eu teremos o nosso momento final. O suspiro final. O último abrir de olhos e a última batida do coração. Em uma fração de segundo você deixará o conhecido e entrará no desconhecido.

É isto que nos incomoda. A morte é o grande desconhecido.

Costumamos ser um tanto céticos quanto ao desconhecido.

Sara certamente é. Denalyn e eu pensamos que fosse uma grande idéia. Raptamos as crianças na escola e as levamos direto para uma viagem de fim de semana. Fizemos reservas em um hotel

e contamos para as professoras, porém pedimos segredo. Quando aparecemos na sala de aula da Sara, que freqüentava a quarta série, na tarde de sexta-feira, pensamos que ela ficaria emocionada. Mas não. Ela não gostou da interrupção.

Quando saímos, assegurei-lhe que nada estava errado. Fomos buscá-la para ir a um lugar divertido. Não adiantou. Quando chegamos ao carro, ela estava chorando. Sara ficou confusa. Ela não gostou da interrupção.

Tampouco nós. Jesus prometeu voltar em uma hora inesperada e nos levar deste mundo cinzento que conhecemos, para um mundo dourado que desconhecemos. Porém, uma vez que não conhecemos, não temos certeza de querer ir. Ficamos até mesmo preocupados só de pensar em sua volta.

Por este motivo, Deus quer que façamos o mesmo que Sara finalmente fez — confiou em seu pai. "Não se turbe o vosso coração", disse Ele, "virei outra vez e vos levarei para mim mesmo, para que, onde eu estiver, estejais vós também" (Jo 14.1,3).

A propósito, depois de algum tempo Sara relaxou e aproveitou a viagem. Na verdade, ela nem queria voltar. Você também não vai querer.

Preocupado com seus momentos finais? Deixe-os aos pés da cruz. Deixe-os lá, junto com seus maus momentos, momentos enlouquecedores e momentos de ansiedade.

Alguém pode estar pensando: "Sabe, Max, se eu deixar todos estes momentos aos pés da cruz, só me restarão bons momentos".

Bem, e o que você tem a perder? Concordo, só lhe restarão bons momentos.

PALAVRA FINAL

Não havia nada de extraordinário nessa carta. Sem letras em alto relevo Sem marcas d'água. Nada de papel especial. Nenhuma marca. Apenas uma folha de papel amarela, com a borda superior cortada.

Nada há de impressionante na escrita manuscrita. Mas não era assim.

Quando criança, tentei imitá-la. Mas você não desejaria imitar esta escrita, seria difícil decifrá-la. Linhas anguladas. Letras irregulares e espaçamento inconsistente.

Mas era isto que meu pai podia fazer. A doença de Lou Gehrig havia enfraquecido suas mãos a ponto de mal poder levar o garfo à boca, quanto mais escrever em uma folha de papel. Imagine escrever com todos os seus dedos enfaixados ao redor da caneta, e chegará perto de compreender seu desafio.

Esta foi sua última carta para nós. A doença e o tempo frio quase o haviam levado. Denalyn e eu deixamos o Brasil às pressas e passamos um mês comendo refeições hospitalares e alternando turnos junto ao seu leito. No entanto, ele reagiu, então voltamos para a América do Sul. Um ou dois dias após a nossa chegada, recebemos esta carta.

19 de janeiro de 1984.

Queridos Max e Denalyn,

Estamos felizes por vocês terem chegado bem. Agora descansem e mãos à obra. Adoramos a sua vinda. Até mesmo as noites que passaram comigo.

MAX, NÃO IMPORTA O QUE ACONTEÇA, VOCÊ E DENALYN DEVEM SEMPRE PERMANECER JUNTOS.

Bem, não há necessidade de ficar rabiscando. Acho que vocês sabem o quanto os amo. Apenas vivam uma vida cristã sadia e TEMAM A DEUS.

Espero ver vocês novamente aqui na terra — caso contrário, os verei no céu.

Com muito amor

Papai

Imaginei meu pai escrevendo estas palavras. Inclinado em uma cama de hospital, caneta na mão, bloco de papel no colo. Pensando que esta poderia ser sua última mensagem. Você acha que ele escolheu suas palavras com cuidado? Claro!

Você consegue imaginar-se escrevendo sua última mensagem para um ente querido? Suas últimas palavras para um filho ou cônjuge?

O que você diria? Seriam as mesmas palavras?

Mesmo se não puder responder a primeira pergunta, pode responder a segunda. Como você pronunciaria suas palavras finais? Deliberadamente. Cuidadosamente. Será que não faria como Monet com a paleta — procurando, não apenas a cor certa, mas a sombra perfeita, a tonalidade perfeita? A maioria de nós possui apenas uma chance de fazer seu último pronunciamento.

Foi o que aconteceu a Jesus. Sabendo que seus últimos atos seriam para sempre ponderados, você não acha que Ele os escolheu cuidadosamente? Deliberadamente? É claro! Não houve incidentes naquele dia. Os momentos finais de Jesus não foram por acaso. Deus escolheu o caminho; Ele selecionou os cravos. O nosso Senhor fincou o trio de cruzes e pintou o sinal. Deus nunca foi tão soberano quanto nos detalhes da morte de seu Filho. Assim como meu pai deliberadamente escreveu a carta, também seu Pai deixou esta mensagem:

"Eu fiz isto por você. Eu fiz tudo por você".

Notas

Capítulo 1: Fizeste isto por Mim?

1. Equipamento eletrônico composto de home theater (receiver e caixas de som) e um telão para exibição de vídeos.

Capítulo 2: "Vou Suportar seu Lado Obscuro"

1. Michel de Montaigne. Quote Unquote. Citado em Lloyd Cory ed. Wheaton III: Victor Books, 1977, p. 297.

Capítulo 5: "Falarei com Você em sua Própria Linguagem"

1. Isabel McHugh e Florence McHugh. Trans. The Trial of Jesus: The Jewish and Roman Proceedings against Jesus Christ

Described and Assessed from the Oldest Accounts, por Josef Blinzler. Westminster, Md.: The Newman Press, 1959, p. 103.

2. George Sayer, Jack. A life of C. S. Lewis. Wheaton, III: Crossway Books, 1994, p. 222.

3. McHugh e McHugh. Tbe Trial of Jesus. p. 104.

Capítulo 6: "A Escolha É sua"

1. Paul Aurandt, Paul Harvey's the Rest ofthe Story (New York: Bantam Press, 1997), p. 47.

Capítulo 7: "Não te abandonarei"

1. "Se vós, pois, sendo maus, sabeis dar boas coisas aos vossos filhos, quanto mais vosso Pai, que está nos céus, dará bens aos que lhe pedirem? (Mt 7.11)

2. Frank Stagg, New Testament Theology (Nashville: Broadman Press, 1962), p. 102.

Capítulo 8: "Dar-te-ei minha Túnica"

1. McHugh and McHugh, The TrialofJesus, p. 1038

Capítulo 9: "Convido-te para Entrar em minha Presença"

1. Illustred Bible Dictionary, vol. 3 (Wheaton, m.: Tyndale House, 1980), p. 1525.

Capítulo 10: "Eu Compreendo a sua Dor"

1. William Hendricksen, Exposition of the Gospel According to John, do New Testament Commentary (Grand Rapids: Baker Books House, 1953), p. 431.

2. Salmos 22.15; 69.21.

Capítulo 12: "Para Sempre te Amarei"

1. N.do T.: No Brasil, convencionou-se pronunciar o nome do autor como "Max Lu-ca-do", conforme se escreve.

Capítulo 13: "Posso Transformar sua Tragédia em Triunfo"

1. Arthur W. Pink, Exposition of the Gospel of John (Grand Rapids: Zondervan, 1975), p. 1077.

OUTROS TÍTULOS DO MESMO AUTOR EDITADOS PELA CPAD:

FILHOS DO REI (INFANTIL)

OUVINDO DEUS NA TORMENTA

QUANDO DEUS SUSSURRA SEU NOME

QUANDO CRISTO VOLTAR

NAS GARRAS DA GRAÇA

SIMPLESMENTE COMO JESUS

A GRANDE CASA DE DEUS